Nelson Rodrigues

1ª MONTAGEM
EM 1953

A falecida

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

NELSON RODRIGUES

A Falecida

Tragédia Carioca em 3 atos

(1953)

ou Farsa Trágica em 3 atos

A Falecida e os personagens rodrigueanos

Em conversa com Sábato Magaldi, Nelson comentava os critérios que o levaram a classificar *A Falecida* como uma tragédia carioca e que revelavam sua antipatia artística com as corriqueiras comédias de costumes. Suas preferências e propósitos estéticos levaram-no a apostar no território do trágico. Mesmo os textos rodrigueanos com a presença de elementos cômicos nunca podem ser definidos como simples comédias. De fato, tão complexa quanto o homem moderno, a obra de Nelson Rodrigues não se enquadra em definições claras.

Sobre as razões que levaram Nelson Rodrigues a dedicar-se à "tragédia carioca" fala-se de uma possível necessidade de driblar a censura, inclusive a intelectual ou talvez uma tentativa de maior compromisso e diálogo com o meio exterior — aliás, até Manuel Bandeira aconselhou-o a falar sobre "pessoas normais", como uma estratégia de reduzir o "divórcio da obra com a plateia".

Acontece que, ao conceder uma dimensão mais concreta às personagens, situando-as em cenários da Zona Norte do Rio, Nelson Rodrigues firmou as marcas de sua dramaturgia nas tragédias cariocas.

Mesmo lidando com conteúdos mais quotidianos e concretos, sua obra já estava marcada pela experiência com o subconsciente e o inconsciente e o autor não abriu mão de continuar investindo na carga subjetiva que já vinha revelando em obras anteriores. Conjugando a realidade e os impulsos interiores, misturando o psicológico e o mítico ao testemunho da precária crueza social, Nelson sintetizou seus personagens: seres paradoxalmente dominados por uma desmedida, que agem exacerbadamente sem refletir, movidos pelas forças mais legítimas da natureza humana: o impulso do instinto. Seus personagens são criaturas dominadas pela violência da paixão, obsessão e loucura.

O interesse pelo "lado abissal e escuro" da natureza, pelo aberrante, surge não como a revelação de uma exceção e sim como a necessidade de aprofundamento na própria essência da natureza humana e de seus impulsos destrutivos, numa espécie de aposta na salvação vinda pelo reconhecimento de sua hediondez.

Os heróis rodriguianos perseguem valores elevados na mesma medida que têm prazer em transgredi-los, mergulhando num círculo vicioso de cessão ao

“pecado”, vindo por um comprazimento pela abjeção que por sua vez vem sempre acompanhado de culpa, autopunição e autodegradação, num contínuo processo movido por prazer e culpa.

A acusação lançada por Nelson sobre a sociedade é de que esta cultiva um sistema de mentiras que impedem o homem de ver sua real face. Sob a superfície das regras sociais agem forças obscuras e primitivas que libertas podem ter efeito devastador. São essas forças que Nelson Rodrigues propõe expor em cena, para que sejam reconhecidas e então tenham chance de ser disciplinadas por um código de ética livre de hipocrisias.

A peça

A Falecida narra, em três atos, a trajetória vertiginosa de Zulmira e Tuninho, um casal sem horizontes, de classe média baixa e moradores de Aldeia Campista, Zona Norte do Rio: Zulmira, vítima de tuberculose e Tuninho, desempregado, vivendo dos restos de uma indenização.

O casal vê seus cotidianos virarem de cabeça para baixo a partir da visita aflita de Zulmira a uma cartomante, que lhe diz para ter cuidado com uma mulher loura, afirmação que ironicamente vai deflagar em Zulmira a explicação para o mistério de todo os seus males.

A trama vai se fechando, como num jogo, com peças que parecem fazer parte de um enigmático quebra cabeça que tem sua surpreendente imagem revelada pouco a pouco.

Cega para perceber que a cartomante não passava de uma farsante, vivendo na miséria e marginalidade, Zulmira crê irracionalmente na previsão escutada, esquecendo-se até de fazer as perguntas que a tinham levado até aquele local: seria vítima de algum problema no pulmão (motivo que intuitivamente acreditava que a levaria à morte)? Seu marido conseguiria afinal um emprego?

A mulher loura acaba sendo identificada como Glorinha, prima oxigenada e recatada de Zulmira, que de uma hora para outra deixa de falar com ela. No 3o Ato, já após a morte de Zulmira, o verdadeiro motivo de gelo de Glorinha vem à tona: a loira surpreendeu a prima na rua com um amante, que, para piorar, era um gatuno publicamente conhecido.

Cada vez mais intrigada com tal história, Zulmira fica certa de que seu

problema de saúde é fruto de uma macumba feita por Glorinha. Através de um mecanismo psicológico movido à culpa e projeções, Zulmira faz da prima uma espécie de bode expiatório para seus pensamentos neuróticos, colocando-a no lugar de uma consciência punidora.

De forma surpreendentemente essencial e não linear, com cenas fragmentadas, Nelson nos leva a acompanhar os deslocamentos cotidianos desses personagens, usando artifícios de quebra de tempo e espaço e incluindo o recurso do flash-back após a morte de Zulmira, no fim do segundo ato. Propondo a utilização de um único espaço vazio, o autor, artificialmente faz ali surgir diferentes ambientes e ações.

Não por diagnóstico médico (que satiricamente lhe diz ter apenas uma gripe), mas intuitivamente, Zulmira, que está certa de sua morte, transita da cartomante, ao banheiro, ao quarto, à igreja teofilista, à casa dos pais, à agência funerária e ao consultório até a hemoptise final. Mas, inesperadamente, a morte não lhe tira do jogo e nem tão pouco será o desfecho da peça: a personagem permanece presente nas reconstituições dos fatos narrados por Pimentel, o amante secreto que surge na trama após a morte da protagonista, para desvelar uma imagem inesperada de Zulmira para todos os outros personagens, como mais um tiro que sai pela culatra.

Num caminho oposto, o imprevisível também vai sendo transferido para o comportamento de Tuninho, o marido traído, que, após transitar por alguns ambientes com Zulmira, aparece numa sinuca; num táxi; no palacete de Pimentel, para arrancar-lhe o gordo dinheiro para as custas do mirabolante enterro encomendado por Zulmira antes de morrer; na agência funerária e finalmente no Maracanã.

Em plena decisão do Vasco contra o Fluminense, Tuninho fanaticamente aposta, com nada menos que cerca de duzentos mil torcedores, que o seu time terá de dois a cinco gols de vantagem, contra o rival. Como vingança pela traição descoberta, Tuninho lança alucinadamente para o alto todo o dinheiro arrancado por ameaça e chantagem de Pimentel e economizado com a encomenda de um enterro miserável para a falecida esposa.

Um dos problemas colocados em *A Falecida* é o inevitável impulso irracional que conduz a maneira de pensar e agir das personagens, pessoas simples que levam uma existência medíocre. Outra importante questão deixada é que o Logro aparece como um estigma humano fundamental e inevitável. Zulmira, mulher representante da baixa classe média carioca é considerada a primeira grande heroína frustrada da galeria de personagens rodriguianos.

Despossada de tudo e vítima de uma vida frustrada, Zulmira concentra sua esperança de realização na fantasia compensatória de um enterro de luxo, dando

asas a um desejo tão frívolo quanto medíocre de vingança e afirmação diante da prima, por quem nutre rancor e inveja inconsciente. Mas mesmo esse consolo lhe é negado pela vingança de Tuninho, que contraria sua vontade e lhe paga o enterro mais barato da agência funerária.

Falta à Zulmira o amor do companheiro e a falta de comunicação, como expressa seu monólogo no quarto do casal, sonorizado pelos roncos de Tuninho. A revelação de que o marido demonstrava ter nojo dela, lavando as mãos depois do sexo, também dá indícios de que a busca de uma fuga através do sonho e de uma aventura amorosa aparecem como uma saída possível para as frustrações (malograda pela incerta dada por Glorinha) Crendo cegamente que as cartas possam decifrar seu destino, Zulmira é o clichê de alguém apegada ao mundo irracional e mágico, que lhe aparece como uma verdade inquestionável.

Tuninho, por sua vez, desempregado e fanático por apostas e futebol, consume seu tempo, sem perspectivas, com lazeres forçados às custas das poucas cifras que lhe sobram da indenização, como no jogo de sinuca, regado a conversas masculinas triviais sobre futebol.

Tuninho segue mantendo um comportamento pouco audacioso até chegar ao fundo do poço, com a morte de Zulmira e descobrir a traição da mulher, às vésperas do jogão do Vasco contra o Fluminense. A partir de então, ele se move pela vingança, escolhendo um enterro de cachorro para a mulher, patrocinado em parte pelo dinheiro do amante de Zulmira. O resto das cifras Tuninho acaba embolsando, mas não sem antes deixar uma ameaça de que pode voltar para obter mais às custas de chantagem. Nem o público é poupado dos insultos deste personagem, durante o rompante de poder que o assola quando chega com toda a grana no estádio de futebol.

Sob inspirações expressionistas, como mais um herói derrotado, após todo esse arroubo, Tuninho encerra a peça com a patética imagem de um homem solitariamente soluçando e caído de joelhos.

Todos os outros personagens são muito bem apresentados e definidos de forma independente em ótimas réplicas, valorizadas por diálogos coloquiais que sempre deixam entrever uma realidade de aparência prosaica, como a que levou Tuninho a deixar a sinuca correndo por causa de uma dor de barriga.

Todos eles vão de alguma forma sendo peças da grande trama de Zulmira e colaborando em seus diálogos com informações para o enigma que envolve sua morte e que vai se mostrar com o desfecho de *A Falecida.*

Por que A Falecida, por que Nelson

Falar de morte tem sido um tema recorrente em meus trabalhos já há algum tempo, uma espécie de obsessão ou coincidência inevitável que acabo cultivando. Embora a primeira vista possa parecer morbidez, o humor ou a poesia com que acabo envolvendo o assunto talvez deixe, por oposição, a pista para compreender este interesse. Ao lado de uma certa visão trágica da existência e atração estética pela dramaticidade da imagem e atmosfera que circunda o tema, há uma vontade de desmistificação, de libertação pelo riso, que sempre envolve um distanciamento e uma inteligência mais afiada para que esse riso libertador possa existir. “Se o riso não nos fará melhores, sempre nos fará sentirmos melhores”.

Talvez essa percepção sobre a obra de Nelson Rodrigues tenha me levado a aproximar dele, que também alimentava uma espécie de compromisso com o trágico, mas que sempre se utilizou do humor, mesmo que de forma não óbvia.

Como revela Zulmira, a protagonista de *A Falecida*, medo e atração andam juntas e podem se deixar desvelar, junto com outras oposições, por detrás de uma ilusória face única cultivada pela farsa social.

Mas não foi exatamente o tema da morte o mote da escolha desse Nelson, mas uma admiração pela inteligência na forma artística com que o autor processa a realidade, desmistificando com suas metáforas o que vê no fundo das coisas e mostrando a complexidade destas. Quanto mais sublime e transcendental se deseja ser, mais mundano e humano mostramos ser.

Quanto mais humanos, mais transcendemos à realidade mecânica na qual nos inserimos.

Proposta da encenação

Montar uma peça de Nelson Rodrigues parece-me um desafio na medida que se trata de um autor consagrado por unanimidade e que virou quase um lugar comum como escolha, por ser tão montado. Fala-se num estilo de interpretação e de montagem rodriguiana...

É fato. O próprio autor deixa algumas pistas sobre sua visão a respeito de um certo estilo pensado para suas peças, mas cerca de cinquenta anos passaram-se, desde que estas peças foram escritas e por mais vanguardistas que estas obras fossem, estamos vivendo um outro momento. Então, fico me instigando a investigar o que de atual e universal se mantém nestas peças e o que de diferença há entre um Nelson moderno e um Nelson pós-moderno? A sociedade "mudou", mas o Brasil terceiro mundista nem tanto; certos valores mudaram aparentemente, mas os impulsos humanos continuam tão primitivos como sempre foram.

Hoje temos, por exemplo, um capitalismo mais acirrado, uma cultura de massa que se faz presente ostensivamente em nossas vidas, especialmente nas camadas mais baixas, misturando e absorvendo superficialmente tudo a favor da fetichização das imagens, em prol da criação de desejos e do estímulo direto à venda de produtos. De rebarba, há uma tendência de afirmação de cada segmento artístico pela curiosa via de fusão e rompimento de fronteiras entre as artes. As críticas propostas por Nelson, podem ser unidas a outras entrelinhas, como é possível agregar, com o tratamento estético, valores culturais na trama.

Fazer um retrato da nossa sociedade implica levar em conta esses valores e ideias que estão à nossa frente, com um espírito ácido de afirmação da atualidade, mas também de retificação e recodificação da obra de Nelson.

Fica, então, como possibilidade para esta encenação, misturar num grande caldeirão: a influência estética dos meios de comunicação de massa, como a TV e o cinema, com seus cortes e sua linguagem ágil, suas perspectivas e seu zoom; beber na enxurrada kitch criativa e exagerada do gosto de certas camadas do universo latino; tingir com cores fortes os elementos pop que podem ser misturados no cotidiano pobremente medíocre dos personagens; descobrir um jeito pessoal de falar de pulsões eternamente humanas; da frivolidade da cultura de massa que vai se misturando no comportamento das pessoas; mostrar um pouco do espírito popular carioca; apresentar mistificações para também desmistificá-las; fundir os mistérios da força do ritual; fé; esperança; superstição; fanatismo; futebol; macumba, e ritmos brasileiros à miséria; à malandragem que também sabe andar ao lado da ingenuidade e pureza...

Por outro lado, se as personagens de Nelson Rodrigues vivem uma realidade social, como os de *A Falecida*, movendo-se através de um contexto urbano carioca e participando de uma estrutura social e familiar determinada, por outro

lado, elas revelam-se a-históricas na medida em que estão num tempo representante de um eterno presente, vivendo o embate de forças demoníacas e divinas, agindo por imitação mítica e expressando o inconsciente de um povo. É por isso que a obra de Nelson se abre para um território metafísico e ético, que faz de seu teatro um lugar onde a natureza humana surge contemplando suas possibilidades de transcendência e redenção.

Como o local da encenação ainda não está fechado, as descrições de certas soluções de cena e da relação desta com a plateia ainda estão indefinidas, mas penso numa arena, espelhada, como a de alguns estádios de futebol, onde as arquibancadas ficam distribuídas dos dois lados do campo.

A dramaturgia de Nelson Rodrigues tem sua marca na grande tensão dramática, vinda do conflito moral das personagens e da teatralização deste conflito. Meu desejo é buscar com os atores a criação de imagens fortes e procurar o ritmo adequado para contar esta história, metaforizando, através da construção formal da cena e das escolhas dos gestos e deslocamentos, a essência do que move as personagens: instinto e desmedida. Mesmo os atos mais pensados passam de uma exuberância heroica a gestos irrefletidamente impulsionados por paixões.

Apostando na teatralidade assumida a vista do público e investindo numa pesquisa de busca de camada de sentidos para a revelação das imagens da cena, a formalização dos gestos e a movimentação dos atores vão ser inspiradas na ritualização presente na umbanda (representante do lado supersticioso de Zulmira) e nas regras do futebol (paixão de Tuninho), numa espécie de afirmação de que a cena teatral se dá a partir de convenções previamente estabelecidas.

A criação neste espaço deve ajudar a iluminar as relações entre as personagens, que se caracterizam por antagonismos, conflitos e violência, numa trama de movimentos de atração e repulsa e traços pessoais marcados pela inveja, rivalidade e hostilidade.

Como num jogo de futebol, o homem sempre estará fadado a ter seu dia de perdedor. Condenados à frustração e ao fracasso, os personagens de Nelson Rodrigues estão sempre buscando uma forma de compensação para seus destinos trágicos, mesmo que a busca da felicidade venha através de um ideal banal ou inatingível, como o de Zulmira. Para eles a vida é sempre absurdamente sem sentido.

O espaço cênico é uma área vazia, convencionada como o lugar onde se dará o ritual, aberta às entradas e saídas dos participantes e para onde convergem todas as possibilidades de materialização das imagens da cena, através da manipulação de objetos essenciais e integrados ao jogo e de uma cenografia

reduzida e de forte dimensão dramática, capaz de colaborar para a criação de uma sensação de enquadramento e recorte do olhar. Nada de novo, o espaço é pobre, tanto quanto a realidade dos personagens, o desafio é encontrar imagens ricas.

A sonoplastia, tanto quanto a luz, tem a tarefa de estabelecer climas e estados emocionais, às vezes fundindo-se à realidade da cena, como numa transmissão de rádio ou toque de telefone. Ela pode também sofrer interferências produzidas tanto pelos atores como pela direção ou sonorização do trabalho, através, por exemplo, do toque de um apito. A equipe técnica também deve ficar a mostra do público, como espécies de DJs da cena.

O desejo é ter uma trilha produzida eletronicamente sobrepondo, distorcendo e mixando sons, ruídos e melodias interessantes para retratar os personagens rodriguianos e seus mundos.

Com exceção dos atores que farão Zulmira e Tuninho, os outros se revezarão em mais de um papel, fazendo as trocas à vista do público em áreas específicas, entrando e saindo da cena após cumprirem um ritual que lembra o dos jogadores de futebol ou pode se assemelhar a certas convenções da umbanda.

Nelson, justificando sua capacidade de dimensionar não cotidianamente os fatos, dizia-se sem compromissos com os acontecimentos e pertencente à ficção. Afirmava que uma excessiva objetividade literária empobrecia a arte.

A rejeição por um realismo ortodoxo vindo ao lado de uma reprodução minuciosa do ambiente social, conduz a interpretação dos atores por um caminho orgânico, mas que preveja, ao mesmo tempo, um trabalho anterior de construção formal não usual e bem definida para os gestos. A pesquisa para o levantamento dos movimentos e ritmos deve partir da experiência e entendimento de sentidos precisos a serem comunicados.

Um treinamento cuidadoso precisa ser feito para encontrar o timing e manter a concentração dos atores, especialmente durante os momentos de transição, trocas de personagens e quebras com esperas previstas fora de cena e contínuas entradas e saídas.

Um desafio é ajudar os atores a encontrar boas motivações que os ajudem a expressar em tom adequado a dimensão do impulso condutor das ações das personagens de Nelson, aprendendo a dosar inteligência intelectual e emocional para alcançar formas não óbvias. Afinal, pretendemos transitar num território de construção de signos não tão cotidianos.

Será uma pesquisa que exigirá entrega na construção de personagens cruas, que devem passear entre o grotesco e o sublime; que possuem desejos pulsantes e expressam suas verdades sem censura moral, como crianças que vivem intensamente cada instante, com suas perspectivas de pureza, ingenuidade e

instinto cruel.

Personagens

Madame Crisálida
Zulmira Tuninho
Menino
1º Funcionário
Timbira
2º Funcionário
Oromar
Pimentel
Chofer
Parceiro nº 1
Parceiro nº 2
Dr. Borborema
Cunhado
Pai
Vizinha
D. Ceci
Mãe / Sogra
Sogro

Primeiro Ato

Descrição original

(Cena Vazia. Fundo de cortinas. Os personagens é que, por vezes, segundo a necessidade, trazem e levam, cadeiras, mesinhas, travesseiros que são indicações sintéticas dos múltiplos ambientes. Luz móvel. Entra Zulmira, de guarda-chuva aberto. Teoricamente está desabando um aguaceiro na porta, também imaginário. Surge Madame Crisálida com um prato e o respectivo pano de enxugar. De chinelos, desgrenhada, um aspecto inconfundível de miséria e desleixo. Atrás, de pé no chão, seu filho de 10 anos. Durante toda a cena, a criança permanece, bravamente, com o dedo no nariz. Zulmira tosse muito.)

(proposta da encenação)

Obs. Como o local da encenação ainda não está fechado, as descrições de certas soluções de cena e da relação desta com a plateia ainda estão indefinidas, mas penso numa arena, espelhada, como a de alguns estádios de futebol, onde as arquibancadas ficam distribuídas dos dois lados do campo.

*A liberação da entrada do público é feita formalmente por alguns atores, através da abertura das portas ou, talvez, da retirada de uma espécie de cordão de isolamento (dependendo do local de encenação) permitindo que ele se dirija à área de assistência. Enquanto isso acontece, a trilha do espetáculo vai sendo executada. Há uma fusão de sons de estádio de futebol, muita falação, riso, gritaria, música de torcida... O clima é de chegada em um estádio de futebol.

Todo o elenco já está presente, numa espécie de “pré-atuação”, mas fora da área destinada à encenação. Esta é uma área vazia e claramente demarcada.

(dependendo do local, isso pode se dar através de um desenho no chão, que pode ser com giz, ou fita, sugerindo um retângulo, como num campo de futebol.

Ainda está em estudo a possibilidade de marcação ou não de outras áreas do campo, como centro, grande e pequena área, por exemplo).

Junto dos atores estão todos os objetos cenográficos, todos móveis, que serão levados e retirados da cena pelos atores para compor os ambientes e servirem às necessidades cênicas.

Os atores que deverão entrar na 1a cena (que farão Zulmira, Madame

Crisálida e seu filho) vestem-se e executam um aquecimento físico, os outros arrumam figurinos e cenários e estão próximos a uma espécie de “banco de reserva”, estão executando funções objetivas; cuidando dos adereços, assumindo a responsabilidade de cuidado por um suporte técnico necessário à cena. Clima de concentração mais ainda acompanhada de alguma descontração: podem beber água... Tocam, vez ou outra, umas cornetas (dessas usadas pelas torcidas) cujo som se funde à trilha.

A luz inicial sobre a área de encenação é bem aberta, como holofotes sobre o campo em contraste com a que incide sobre os atores e a plateia. Esta será aos poucos uma luz móvel, criando climas e ambientes diferentes conforme as transições ao longo da peça.

Os atores/personagens vão agindo, entrando e saindo de cena, aos olhos do público, conforme a exigência da cena que irá se desenrolar, em momentos de transição ou durante as cenas. Podem continuar num canto da área de encenação, fora de foco ou num foco mais baixo; sair de cena e esperar na “reserva” o momento de voltar ao jogo; ou, podem preparar adereços ou objetos cenográficos, ajudar outro colega ou se preparar para entrar em algum personagem.

O som da cantoria da torcida vai ficando mais forte e vai se fundindo com uma narração de jogo de futebol que vai, aos poucos, se revelando como uma transmissão de rádio. Entra Zulmira, de guarda-chuva aberto. Teoricamente está desabando um aguaceiro. Os atores que farão Madame Crisálida e seu filho, entram com os aparatos cenográficos da Casa de Madame Crisálida, onde há um rádio velho aceso transmitindo um jogo de futebol em volume alto.

Crisálida abaixa o volume bruscamente.

Numa porta, (imaginária ou não), surge Madame Crisálida com um prato e o respectivo pano de enxugar. De chinelos, desgrenhada, um aspecto inconfundível de miséria e desleixo. Atrás, de pé no chão, está seu filho de 10

anos (representado por um dos atores que também vai coringar outros papéis).

Durante toda a cena, a criança permanece, bravamente, com o dedo no nariz.

Zulmira tosse muito.

Madame Crisálida — Quem é?

Zulmira — Por obséquio. Eu queria falar com Madame Crisálida.

Madame Crisálida — Consulta?

Zulmira — Sim.

Madame Crisálida -Da parte de quem?

Zulmira — De uma moça assim, assim, que esteve aqui outro dia.

(Madame, sempre acompanhada pelo garoto de dedo no nariz, abre a porta, a

princípio, imaginária) Madame Crisálida — Sou eu. Vamos entrar.

(Zulmira entra, fechando o guarda-chuva.) Zulmira — Com licença.

(Madame suspira.) Madame Crisálida — É preciso estar de olho. A polícia não é sopa.

Zulmira — Ora!

(Madame começa a embaralhar as cartas ensebadas.) Madame Crisálida — Quem tem criança, sabe como é!

Zulmira — Natural!

Madame Crisálida — E as minhas são de arder!

(Barulho de criança. Madame ergue-se. Vai ao fundo da cena.) Madame Crisálida — Pintam o sete!

(Madame ergue-se outra vez.) Madame Crisálida — Deixei o aipim no fogo. Com licença.

Zulmira — Pois não.

(Madame berra para dentro.) Madame Crisálida — Vê essa panela, aí, Fulana!

(Madame senta-se, manipulando o baralho.) Madame Crisálida — Pronto.

Zulmira — Estou numa aflição muito grande, Madame Crisálida.

Madame Crisálida — Silêncio!

(Madame inicia a sua concentração.) Madame Crisálida — Vejo, na sua vida, uma mulher.

Zulmira — Mulher?

Madame Crisálida — Loura.

(Zulmira ergue-se atônita. Senta-se em seguida.) Zulmira — Meu Deus do céu!

Madame Crisálida — Cuidado com a mulher loura!

Zulmira — Que mais?

(Madame ergue-se. Muda de tom. Perde o sotaque.) Madame Crisálida — Cinquenta cruzeiros.

(Zulmira, atarantada, abre a bolsa, apanha a cédula, que entrega.) (Madame empurra-a na direção da porta.) Madame Crisálida — Passar bem.

Zulmira — Passar bem.

(Some a cartomante. Zulmira vai saindo, também, mas estaca, retrocedendo. Está de guarda-chuva aberto. Chama diante da porta imaginária.) Zulmira — Madame! Madame!

(Nenhuma resposta. Pânico de Zulmira.) Zulmira — Sou a maior errada de todos os tempos! Deixei de perguntar umas quinhentas coisas! Se meu marido vai ou não arranjar um novo emprego. E se eu tenho alguma coisa no pulmão...

(Bate com o pé, num desapontamento de menina) Zulmira — Ora!

(Na boca da cena.) Zulmira — Eu sou burra que dói! (Sai) (Provavelmente no lado oposto ao da casa de Madame, entram Tuninho, Oromar e mais dois atores. Luz sobre a sinuca imaginária).

Em cena, quatro rapazes, inclusive Tuninho e Oromar. Numa mesa imaginária, dão tacadas, também imaginárias. O único dado realístico do ambiente é o taco, que cada um dos presentes empunha. Sem prejuízo do bilhar, discutem futebol. Oromar passa giz no taco. Sempre que um parceiro dá uma tacada diz “pimba”) Oromar — Vais ao jogo domingo?

(Simultaneamente com o diálogo dos dois, há uma discussão patética entre os outros parceiros).

Parceiro nº 1 — O Carlyle nunca foi jogador de futebol!

Tuninho — E tu achas que eu vou perder um jogão daqueles?

Parceiro nº 2 — Quem? O Carlyle ensopa o Pavão!

Oromar — Pra teu governo, o Fluminense vai dar um banho. Nem se discute!

(outros parceiros).

Parceiro nº 1 — Jogador profissional que me perdesse um pênalti, eu multava!

Tuninho — Pimba! Sou Vasco e dou dois gols de vantagem!

Oromar — Você é besta!

Parceiro nº 2 — Entendo muito mais de futebol que você!

Tuninho — Queres apostar?

Parceiro nº 1 — São uns palhaços!

Oromar — O Ademir joga?

Parceiro nº 2 — Vocês ganharam no apito!

Tuninho — Não sei, nem interessa. Queres ou não queres?

Oromar — Quanto?

Parceiro nº 1 — S. Cristóvão, aonde, seu?

Tuninho — Cem mil.

Parceiro nº 2 — Conversa! Conversa!

Oromar — Dois gols de vantagem, eu topo.

(Tuninho estende a mão que o outro aperta.) Parceiro nº 1 — Uns pernas de pau!

Tuninho — Casado?

Oromar — Casadíssimo!

Parceiro nº 2 (gingando) — Porque eu sou é homem!

(Consumada a aposta, Tuninho exulta).

Tuninho — Vou te dizer mais: estou desempregado e outros bichos. Quer dizer, na última lona. Mas estou tão certo, tão certo, que vai ser uma barbada

daquelas, que te juro, sob minha palavra de honra, que se eu tivesse dinheiro, sabes o que eu fazia, no domingo, queres saber?

Oromar — Você é bom de bico!

(Tuninho está numa verdadeira euforia).

Tuninho — Espera, ouve o resto, seu zebu! Eu entrava no Maracanã. Muito bem. Vamos dar, de barato, que umas cem mil pessoas assistam ao jogo.

Oromar — Cento e cinquenta mil!

Parceiro nº 1 — Menos! Menos!

Parceiro nº 2 — Mais! Mais!

Tuninho — Seja cento e cinquenta ou duzentas mil pessoas. Não importa. Aí morreu o Neves. Pois eu, se tivesse o dinheiro, dinheiro meu, no bolso, eu sozinho, apostava com duzentas mil pessoas no Vasco. Havia de esfregar a gaita assim, na cara de duzentas mil pessoas, desacatando: Seus cabeças de bagre! Dois de vantagem e sou Vasco! Te juro que ia fazer a minha independência, que ia lavar a égua!

(Súbito, todos estacam, entreolham-se).

Os três (simultâneos) — Que foi, que foi?

Tuninho — Aquele pastel que eu comi, parece que me fez mal. Chi! Vou chispando pra casa! Bye, bye!

(Oromar apanha um jornal.) Os três (uma voz única) — Olha o jornal!

(Foco no centro da cena. Zulmira vai entrando com um banquinho e dirigindo-se para o foco. Todos deixam a cena. Luz sobre Zulmira, que senta-se no banco e põe a mão no queixo, numa atitude de “O Pensador”, de Rodin. Entra Tuninho com o jornal na cabeça e aflito. Está diante do imaginário banheiro.

Torce o trinco invisível.) Tuninho — Tem gente?

Zulmira — Tem.

(Tuninho anda de um lado para outro) Tuninho (baixo) — Espeto!

(Hesita e decide-se) Tuninho — Vai demorar?

Zulmira — Muito, não.

(Tuninho passa as costas da mão no suor da testa).

Tuninho — Vê se anda!

Zulmira — Que pressa!

(Sai Zulmira. Ao cruzar com Tuninho, resmunga.) Zulmira — Pronto! Pronto!

(Entra Tuninho. Senta-se no mesmo banquinho e na mesma posição do “Pensador”, de Rodin. Uma mão segurando o queixo e a outra o jornal.) Zulmira (para si mesma) — Mas eu não me lembro de loura nenhuma!

(Luz sobre a agência funerária. Entra Timbira, em manga de camisa, suspensórios, chapéu na cabeça e paletó debaixo do braço. Um funcionário

atende o telefone. Outro funcionário, escrevendo um livro.) Funcionário (no telefone) — Alão! “Casa Funerária São Geraldo.”

(Timbira arremessa-se) Timbira — Se é pra mim, estou!

(Funcionário desliga.) Funcionário — Engano.

Timbira — As mulheres não querem nada comigo!

Outro — Foste ao embaixador?

Timbira — Fui 1o Funcionário — E que tal?

Timbira — Que tal? Nem queira saber!

Funcionário — Tinha outro na tua frente?

Timbira — Ninguém. Fui o primeiro. A mulher tinha acabado de morrer. O embaixador estava na sala, fumando de piteira, o animal! Então calculei: bem, esse cara aqui é diplomata. Tem dinheiro pra chuchu e vai querer pra esposa um enterro alinhado.

Funcionário — Desconfio que bobeaste!

(Exalta-se Timbira).

Timbira — Espera lá! Ouve o resto! Tu pensas que eu fui à outra pessoa da família? Não senhor! Entrei direto e de sola no próprio viúvo. Mas quando eu falei num caixão bacana, de dez contos, o sujeito quase me comeu vivo. Pra encurtar conversa: encomendou um de oitocentos cruzeiros e olha lá! Caixão micha!

Funcionário — Só?

Timbira — E assim mesmo porque eu cantei aquela besta que só vendo!

Fracassei miseravelmente! Esses cartolas enchem!

(Bate o telefone) Funcionário — Alão Timbira — Eu estou! Eu estou!

(Pula o funcionário no telefone) Funcionário — Qual Anacleto? O bicheiro? No duro? E agora? Oba! Aguenta a mão que vamos soltar o Timbira! Já sei, pode ficar descansado!

(Precipita-se o funcionário para o Timbira)

FUNCIONÁRIO — Parece que a pátria está salva.

TIMBIRA — Desembucha!

FUNCIONÁRIO — O negócio é seguinte: tu conheces o Anacleto?

TIMBIRA — O bicheiro?

FUNCIONÁRIO — O bicheiro. Tem uma filha única, de 16 anos, aliás um biju.

Pois bem, a garota saiu do colégio, atravessou a rua e foi esmagada entre um bonde e um ônibus. Sanduíche autêntico!

TIMBIRA — Morreu?

FUNCIONÁRIO — Se morreu?! Está feito uma papa! Sabes o que é papa? papinha?

TIMBIRA — E quando?

FUNCIONÁRIO — Pois é. chispa e me faz um favor de mãe para filho: vê se, desta vez, não me fracassa. Porque bicheiro é generoso.

TIMBIRA — Pode deixar.

FUNCIONÁRIO — Toma o endereço. e sabes qual é o golpe? Segura o Anacleto e diz: “A filha merece um caixão de 25 contos!” aposto os tubos como ele topa!

Apanha um táxi!

TIMBIRA — O. K.

(Sai timbira, animadíssimo) 2º FUNCIONÁRIO — Boa praça, o Timbira!

1º FUNCIONÁRIO — O que estraga é a mania de mulher!

(Luz sobre o lar de Zulmira e Tuninho. O marido boceja, tirando a camisa. Fica nu da cintura para cima e de suspensório.) TUNINHO — Vem espremer o cravo grande das costas!

ZULMIRA — Vira.

(Tuninho dá-lhe as costas. Zulmira começa a espremer.)

ZULMIRA — Sabe onde eu fui hoje?

TUNINHO — Ai! Onde?

ZULMIRA — À cartomante, a tal que me recomendaram.

TUNINHO — Você é teimosa! disse para não ir! Ai!

ZULMIRA — Pois olha — fui e não me arrependi. Ela me abriu os olhos, direitinho!

TUNINHO — Te tapeou!

ZULMIRA — Duvido! Queres saber o que ela foi dizendo, logo de cara?

(Baixa a voz.) ZULMIRA — Que eu tomasse cuidado, muito cuidado,com uma mulher loura, que tal?

TUNINHO — E daí?

ZULMIRA — Achas pouco?

(Tuninho está assombrado) TUNINHO — Mas, só isso?

ZULMIRA — Oh! que espírito de porco você tem! Fala por falar. Deus me livre!

TUNINHO — Ora, não amola!

ZULMIRA (com maus modos) — Claro!

TUNINHO — Então, você me sai de casa debaixo desse toró, larga-se para os cafundós do Judas, atrás de uma cretina?

ZULMIRA — Mas, criatura, presta atenção! Escuta!

TUNINHO — Você enche!

ZULMIRA — Quem será essa loura, minha Nossa Senhora?

TUNINHO — Perguntaste, ao menos, à imbecil dessa cartomante se eu ia

melhorar de situação e outros bichos?

ZULMIRA — Ih!

TUNINHO — Não perguntaste?

ZULMIRA — Ando com minha memória horrível!

(Tuninho anda de um lado para o outro, dentro do quarto, esbravejante.)

TUNINHO — Mulher é isso mesmo! Você inventa o diabo dessa cartomante pra saber da tua asma e do meu emprego! E quando acaba, vai lá e não dá a menor bola, a menor pelota. Muito bonito!

ZULMIRA — Perdão, meu anjo!

(O casal põe os dois travesseiros no chão, isto é, na cama imaginária. O marido deita e Zulmira passa o pente no cabelo.) ZULMIRA — Benzinho!

(Bocejo tremendo de Tuninho.) TUNINHO — Uai!

ZULMIRA — Dá uma opinião, um palpite: quem será essa mulher loura?

TUNINHO — E eu que sei?

ZULMIRA — Vê se lembras!

(Novo bocejo de Tuninho.) TUNINHO (meditativo) — Loura?

ZULMIRA — Quem pode ser?

(Dá o estalo em Tuninho) TUNINHO — Tua prima!

ZULMIRA — Qual delas?

TUNINHO — Ora, Zulmira! Qual é tua prima que mora nesta rua? Aqui do lado? Qual?

(Zulmira está assombrada.) ZULMIRA — Glorinha!

TUNINHO — Custaste!

ZULMIRA — É mesmo! Glorinha! Oxigenada, mas loura!

TUNINHO — Batata!

(Zulmira está desesperada) ZULMIRA — Só pode ser ela, é ela no duro!

TUNINHO — Apaga a luz e vamos dormir!

ZULMIRA — Uma Fulana, além do mais, minha parenta, longe mas é. Nunca lhes fiz nada, sempre a tratei, assim, na palma da mão. E, de repente, deixa de me cumprimentar. Por quê? Ainda hoje, eu passei. Estava na janela, limando as unhas. Torceu-me o nariz, aquela gata. Cinicamente!

TUNINHO — Vem dormir!

(Zulmira não ouve o marido, encerrada na sua obsessão.) ZULMIRA — Foi um altíssimo negócio essa cartomante. agora eu sei de tudo.

Essas dores nas costas... Olha: hoje eu passei o dia inteirinho com o nariz entupido...

TUNINHO — Gripe!

ZULMIRA — Gripe aonde? (lentas e cava) Macumba!

TUNINHO — Sossega!

ZULMIRA — sim, senhor! Alguma macumba que essa cara me fez! Aposto!

TUNINHO — Mas a mulher é protestante!

ZULMIRA — “Protestante” diz você! Mas duvido! Fingimento, máscara! Vou te dizer mais o seguinte. Glorinha tem parte com o demônio!

(Tuninho, embalado pela voz da mulher, já adormeceu e ronca, sonoramente.

Zulmira, porém, não toma conhecimento do sono profundo do marido.)

ZULMIRA — Pois sim! Não é mais séria do que ninguém. Tão cínica que diz apenas o seguinte — vê se pode — que a mulher que beija de boca aberta é uma sem-vergonha. pode ser o marido, pode ser o raio que o parta, mas é uma sem-vergonha.

(Interpela o marido, que continua roncando)

ZULMIRA — Que é que você diz a isso? Hem?

ZULMIRA (falando como se o marido, que continua dormindo, tivesse respondido) — Deixa de ser trouxa! Não vê logo que é falsidade?

(Levanta-se, anda pelo palco, ironicamente.)

ZULMIRA — Também não à praia, não pode pôr maiô, porque, meu Deus, que coisa horrível, eu hem? (passa de melíflua a feroz) Mas pra cima de mim, não, onde é que nós estamos! (agressiva, para Tuninho, que dorme mais do que nunca) Você, que é homem — os homens são uns bobões — pode achar graça, achar bonito essa papagaiada, claro! Mas eu!...

(Agarra o Tuninho e o sacode. O marido desperta em sobressalto. Grita Zulmira.) ZULMIRA — Tuninho! Tuninho!

TUNINHO — Que é?

ZULMIRA — Por essa luz que me alumia — essa gata está cavando a minha sepultura!

(Tuninho esbraveja)

TUNINHO — Não faz carnaval!

(Tuninho vira para o lado. E logo recomeça a roncar. Zulmira tosse.)

ZULMIRA — Olha só a ronqueira no meu pulmão. Espia!

(Levanta-se Tuninho e sai com os dois travesseiros. Zulmira está de pé. entra o contrarregra, de macacão, e entrega um chapéu, que ela coloca. Entram mais quatro pessoas, dois homens e duas mulheres, gravíssimo, cada qual trazendo a sua cadeira, inclusive uma para Zulmira. Ninguém se senta, porém. De pé, na frente das cadeiras, todos — e também Zulmira — entoam um hino gênero Exército da Salvação.) VOZES — Salvai-nos, salvai-nos, a nós, pecadores, Salvai-nos com um arrebol de fé *etc. etc. etc.*

(Findo o hino, as cinco pessoas cumprimentam-se gravemente, e saem, cada qual levando a sua cadeira. Zulmira é a única que permanece em cena. Entra Tuninho, nu da cintura para cima e de calção de banho.)

TUNINHO — Vamos meter uma praia?

ZULMIRA — Não.

TUNINHO — Vamos! Agora, que eu estou desempregado, podíamos aproveitar, ir até todo o dia à praia!...

ZULMIRA — Deus me livre!

TUNINHO — Por que, ué?

ZULMIRA — Sabe aonde é que eu fui hoje?

TUNINHO — Não ZULMIRA — À igreja teofilista!

TUNINHO — Que mágica é essa?

(Zulmira está possuída pela nova fé.)

ZULMIRA — Uma vez, há muito tempo, eu vi um enterro teofilista. Na hora de fechar o caixão, cantaram hinos. nunca mais me esqueci.

(Tuninho explode.)

TUNINHO — Olha!

ZULMIRA (mística) — Fala!

TUNINHO — Eu não tenho nada com isso. Você é o maior, vacinada, pode ter a religião que quiser e pronto. Mas vamos à praia, ora bolas! O que é que tem a praia com as calças?

ZULMIRA — Tu me achas com cara de ir à praia? Agora que me converti?

TUNINHO — Será que em tudo, agora, você me contraria? Põe o maiô, anda!

ZULMIRA — Não tenho maiô.

TUNINHO — E o teu?

ZULMIRA — Joguei no lixo!

TUNINHO — Mentira!

ZULMIRA — Te juro!

TUNINHO — Que bicho te mordeu?

ZULMIRA — Não sei. Mudei muito. Sou outra.

TUNINHO — Essa é a maior!

(Zulmira incisiva) ZULMIRA — Não aprovo praia, não aprovo maiô.

(Zulmira ergue o rosto, fanática.)

ZULMIRA — a mulher de maiô está nua. Compreendeu? Nua no meio da rua, nua no meio dos homens!

(Entram os parentes de Zulmira. Esta afasta-se e vai ler o jornal numa extremidade da cena e Tuninho sobe na cadeira. Círculo de parentes em torno da cadeira.)

TUNINHO — O senhor é meu sogro, a senhora, minha sogra... E vocês, meus cunhados...

UM — Perfeitamente!

OUTRO — Claro!

TUNINHO — Pois é. Eu pergunto: estarei errado?

SOGRO — Caso sério!

SOGRA — Enfim!...

TUNINHO — Por exemplo, sabem qual é a mais recente mania de minha mulher? É a seguinte: digamos que eu a queira beijar na boca. Ela, então, me oferece a face.

SOGRA — Virgem Maria!

TUNINHO — Afinal de contas, eu sou o marido. E se eu, por acaso, insisto, que faz minha mulher? Fecha a boca!

CUNHADO — Muito curioso!

TUNINHO — Mas como? — perguntei eu a minha mulher — você tem nojo de seu marido? Zulmira rasgou o jogo e disse assim mesmo: “Tuninho, se você me beijar na boca, eu vomito, tuninho, vomito!”

SOGRA — Ora veja!

CUNHADO — (de óculos e livro debaixo do braço) — Caso de psicanálise!

OUTRO — De quê?

CUNHADO — Psicanálise.

OUTRO (feroz e polêmico) — Freud era um vigarista!

(Sai Tuninho. Zulmira abandona o jornal. Sobe, ajudada pelos irmãos, na cadeira. A família a cerca. Os parentes estão enfáticos.) MÃE — Mas oh minha filha! oh!

PAI — O marido tem seus direitos!

MÃE — Onde se viu negar amor ao marido?

PAI — Você se casou porque quis!

(Zulmira desespera-se, em cima da cadeira.)

ZULMIRA (clamando) — Tudo menos beijo! Beijo, não! (baixo e grave) Eu admito tudo em amor. Mas esse negócio de misturar saliva, com saliva, não!

Não topo! Nunca!

(Zulmira baixa a cabeça.) ZULMIRA — Nenhuma mulher devia pertencer a homem nenhum!

MÃE — Nem ao marido?

ZULMIRA (incisiva) — Nem ao marido!

MÃE (patética) — Minha filha, nem oito, nem oitenta!

ZULMIRA (doce) — Se perguntarem se eu sempre fui teofilista, diz que sim, mamãe, diz que sim!

(Saem os parentes. Tuninho, já vestido normalmente, vem discutir com Zulmira.)

TUNINHO — Ah, logo vi!

ZULMIRA — Logo viu o quê?

TUNINHO — Já sei quem pôs essas na tua cabeça!

ZULMIRA — Quem?

(Tuninho estaca. Espeta o dedo no peito da mulher.)

TUNINHO — Glorinha!

ZULMIRA — Você é louco?!

TUNINHO — Claro como água! Aqui, nesta rua. só quem tem essas ideias é a Glorinha! E mais ninguém!

ZULMIRA — Tinha graça!

TUNINHO — É imitação, sim! Confessa! É ou não é?

(Zulmira exalta-se. Veemente.)

ZULMIRA — E se fosse? E se eu quisesse imitar a Glorinha?

TUNINHO (sardônico) — Batata!

ZULMIRA — Não dizem que ela é a mulher mais séria do Rio de Janeiro? Todo mundo diz! E se eu quisesse ser cem por cento, assim, como Glorinha? Porque eu não gosto dela, mas justiça se lhe faça: tem linha até debaixo d'água!

TUNINHO — Uma chata!

ZULMIRA — Tu falas assim, agora. Mas não te lembras que já me disseste bestificado: "Ih Fulana é séria pra chuchu!" Foi, sim!

(Tuninho agarra Zulmira, amoroso)

TUNINHO — Deixa pra lá! Não interessa!

ZULMIRA — Me larga!

(Tuninho faz bico de beijo.)

TUNINHO — Dá uma bijuquinha, dá!

ZULMIRA — Quieto!

(Zulmira foge com o rosto.)

TUNINHO — Não dá?

ZULMIRA (grave e definitiva) — Deixe de ser mulher!

(Tuninho patético.) TUNINHO — Viste? É por essas e outras que tantos maridos vão buscar na rua o que não têm em casa!

(Zulmira atônita.) ZULMIRA (lenta) — Na rua, Tuninho!

TUNINHO — Evidente!

(Tuninho está zangado, cruza os braços no meio do palco.)

ZULMIRA (inspirada) — Na rua, é mesmo!...

(Zulmira agarra-se ao marido.) ZULMIRA (num crescendo) — Eu te nego amor! Não tens amor na tua casa! E se eu própria te mandasse buscar, esse amor que te falta, com outra mulher?...

TUNINHO — Nem brinca!

ZULMIRA (no ouvido do marido) — E sabe com quem? (violenta) Glorinha,

sim!

(melíflua, novamente) Se eu chegasse pra ti e dissesse: “Dá em cima! E se eu mandasse?...

TUNINHO — Duvido.

ZULMIRA (vem vindo para ele) — Mas olha! (doce e persuasiva) Ela não é fria, não, seu bobo... Sou mulher e conheço as outras mulheres... Já fui unha e carne com Glorinha, posso te garantir... Não tem nada de fria e, até, pelo contrário... Te lembras do nosso namoro?... ela te olhava muito naquele tempo...

(Enérgica, segura o marido pelos dois braços.)

ZULMIRA (veemente) — tenho quase que a certeza, sou capaz de apostar que, contigo, se fizeres o negócio direito, ela cairá. que seja uma vez, uma única vez. Basta. Ah, eu gostaria de ver essa mulher no chão, na lama!...

TUNINHO (atônito) — Quer dizer quer você, minha esposa, está me empurrando pra cima de outra mulher?!...

ZULMIRA (caindo em si) — Eu?

TUNINHO — Pois é.

(Desespero de Zulmira.)

ZULMIRA (anda para trás) — Não! não! Não posso dar meu marido pra outra mulher... além disso, vou me batizar outra vez... Me converti... Deus me castigaria...

(Cai de joelho. abre os braços para o alto.)

ZULMIRA — Devo perdoar! a religião manda perdoar! oh, meu Deus!

(Tuninho exalta-se.)

TUNINHO — Pra teu governo — se eu — toma nota — der em cima dessa cara, e se por acaso ela topar — não sei , mas tudo é possível... (grave e profético) A culpada és tu! Tu!...

(Sai Tuninho. Zulmira fala soluçando)

ZULMIRA — Perdoar sempre! Perdoar dia e noite! morrer perdoando!...

(Luz na casa funerária. Entra Timbira, numa afobação tremenda. Os outros dois funcionários arremessam-se.) 1º FUNCIONÁRIO — Como é?

TIMBIRA — Tiro e queda!

2º FUNCIONÁRIO — O homem topou?

TIMBIRA — Estou convencido que nasci para esse troço... quando entro num negócio, levo todo mundo na conversa...

1º FUNCIONÁRIO — Mas topou o enterro em grande estilo?

TIMBIRA — Deixa eu contar, calma! Apanhei um táxi e fui voando para o escritório do Anacleto. Tinha acabado de receber a notícia e estava fazendo um carnaval tremendo. Filha única. sabe como é. E já não chorava — mugia...

Mugido, no duro! assim um som grave, cheio, de órgão... De abalar o

edifício!

2º FUNCIONÁRIO — E tu?

TIMBIRA — Tomei conta do ambiente. Pra início de conversa, mandei buscar água mineral gelada, apesar do homem estar gripado. Dei ordens. Pintei o caneco. E ele, com aquele choro grosso. Na primeira oportunidade, entrei com meu jogo quando disse que podia arranjar, pra filha dele, um caixão assim, assim, com alças de bronze, forro de cetim, sabe que, lá, todo mundo ficou com água na boca?

1º FUNCIONÁRIO — Disseste o preço?

TIMBIRA — Disse. Mas dei um fora horroroso!

2º FUNCIONÁRIO — Por quê? hem?

TIMBIRA — Pedi vinte mil cruzeiros e ele topou, imediatamente. Se eu pedisse trinta, também dava, aposto! Descobri que bicheiro é um grande sujeito!

2º FUNCIONÁRIO — Vai ter cortinas?

TIMBIRA — Cortina pra cinco portas, crucifixo de cristal, o diabo a quatro! Tudo 35 mil cruzeiros. E na saída, o Anacleto, que agora é meu do peito, me enfiou isso aqui no bolso, espia!

(Na ponta dos dedos exibe uma cédula.)

1º FUNCIONÁRIO — Uma abobrinha!

TIMBIRA — A solução do Brasil é o jogo do bicho! E, sob minha palavra de honra, eu, se fosse Presidente da República, punha o Anacleto como Ministro da Fazenda!

(Luz no lar de Zulmira. Ela cantarola um hino do Exército da Salvação, ajoelhada. Entra Tuninho às gargalhadas.)

TUNINHO — Vem ouvir a maior de século!

ZULMIRA — Que foi?

TUNINHO — Imagina! Imagina!

ZULMIRA — Fala, criatura!

TUNINHO — Sabe por que a tal da Glorinha é a maior pudor do Rio de Janeiro?

E por que toma banho de camisola? E não vai à praia? e tem nojo do amor?

Sabe?

ZULMIRA — Fala, criatura!

TUNINHO — Porque teve câncer e tiveram que extirpar um seio!

(Ri às gargalhadas. Zulmira está num verdadeiro deslumbramento.)

ZULMIRA (numa euforia feroz) — Tem um seio, só!

ZULMIRA (frenética) — Juras?

TUNINHO — Foi o médico que me disse! Agora mesmo! A doença misteriosa era câncer!

(Numa euforia absoluta, Zulmira crispa as mãos nos dois seios.)

TUNINHO — Eu? Dar em cima dessa cara? Nem pagando!

(Zulmira na boca de cena. Ri, arquejando.)

ZULMIRA — Não me cumprimenta: torce o nariz pra mim, que nunca lhe fiz nada! Castigo! Castigo!

(Cai de joelhos, num riso soluçante.)

TUNINHO (num berro final) — Tem um seio só!...

FIM DO PRIMEIRO ATO

Segundo Ato

(Inicia-se o 2º ato com Zulmira na agência funerária. Tosse continuamente. De vez em quando, assoa-se no lencinho. Presentes, os dois funcionários.)

ZULMIRA — Boa tarde.

1º FUNCIONÁRIO — Boa tarde.

ZULMIRA — Eu desejava falar com o “seu” Timbira.

1º FUNCIONÁRIO — Pois não.

(2º Funcionário traz uma cadeira.) 1º FUNCIONÁRIO — Tenha a bondade de sentar-se.

(Zulmira senta-se.) ZULMIRA — Obrigada.

(1º Funcionário cutuca o Segundo. Fala baixo.) 1º FUNCIONÁRIO — Chispa. Vai chamar o Timbira no botequim.

(2º Funcionário vai buscar o Timbira, que está na outra extremidade do palco, tomando refrigerante na própria garrafinha, com um canudo.) 1º FUNCIONÁRIO — Que calor!

(Zulmira abana-se com uma revista.) ZULMIRA — Bárbaro!

2º FUNCIONÁRIO — Tem, lá, uma cara te procurando!

TIMBIRA — Boa?

2º FUNCIONÁRIO — Serve.

(Timbira chama o invisível garçom.) TIMBIRA — Paga isso aqui!

(Timbira atira uma moeda no ar.) TIMBIRA — Vamos embora!

1º FUNCIONÁRIO — Vem temporal por aí!

ZULMIRA — Tomara!

(1º funcionário ri, sinistramente, sem ter de quê.) 1º FUNCIONÁRIO — Eu prefiro o inverno.

(Ri ainda um pouco e fecha subitamente o riso. timbira, que fez, com o Segundo Funcionário uma longa volta no palco, entra, enfim, no escritório.) TIMBIRA — Quer falar comigo?

(Zulmira ergue-se.) ZULMIRA — O senhor que é o “seu” Timbira?

TIMBIRA — Perfeitamente.

ZULMIRA — Eu sou a pessoa que lhe telefonou...

TIMBIRA — De manhã?

ZULMIRA — Foi.

TIMBIRA — Mas sente-se.

ZULMIRA — Com licença.

(Primeiro Funcionário traz uma cadeira. Timbira senta-se.) TIMBIRA — Às suas ordens.

ZULMIRA — O caso é o seguinte...

TIMBIRA (subserviente) — Pois não!

ZULMIRA — Eu venho correndo várias empresas funerárias, de forma que tenho notado que os preços, aqui, são mais caros.

(Timbira salta na cadeira, em pânico. Veemente.) TIMBIRA — Perdão.

(Zulmira imediatamente o atalha.) ZULMIRA — Mas eu prefiro assim!

TIMBIRA — Como?!

(Os dois funcionários, em face de uma cliente perdulária, aproximam-se. Ficam roendo as unhas e ouvindo.) ZULMIRA — Porque a família dessa minha amiga, que está muito doente — a família não faz questão de preço. Quer o melhor enterro possível, nada mais.

TIMBIRA (num suspiro) — E eu posso saber o nome? O nome de sua amiga?

ZULMIRA — Já, não.

TIMBIRA — Como queira.

ZULMIRA — O senhor vai saber na hora...

TIMBIRA — E está muito mal?

ZULMIRA (definitiva) — Desenganada!

TIMBIRA — Moça ou velha?

ZULMIRA — Moça.

TIMBIRA — Solteira?

ZULMIRA (surpresa) — E isso influi?

TIMBIRA — Mais ou menos.

ZULMIRA — Por quê?

TIMBIRA — Bem. É difícil explicar. Não sei, mas acho que a virgem, pelo fato de ser virgem, é enfim outra coisa, mais interessante talvez que uma mãe de família, com oito filhos. Sei lá!

ZULMIRA — Minha amiga é casada.

TIMBIRA — Não seja por isso. De qualquer maneira, não se incomode, dá-se um jeito, pode ficar descansada.

(Zulmira com súbita euforia.) ZULMIRA (lírica) — “Seu” Timbira, o senhor sabe, por acaso, qual foi o enterro mais bonito que já houve no Brasil?

TIMBIRA — Depende.

ZULMIRA — Como?

TIMBIRA — de homem, parece que foi o do Barão do Rio Branco. E de mulher, foi, disparado, o da Nanci.

ZULMIRA — Que Nanci?

TIMBIRA — Nanci, a filha do Anacleto, o bicheiro.

ZULMIRA — Ah, eu li no jornal!

(Exalta-se Zulmira) TIMBIRA — Pois é. Um caixão fabulosíssimo, forrado de cetim branco, alças de bronze, o diabo!

(Anima-se Zulmira.) ZULMIRA — “Seu” Timbira, é esse o caixão que eu quero, para minha amiga.

Assim mesmo. Igualzinho!

TIMBIRA — Mas é puxado!

ZULMIRA — O senhor fez o orçamento?

TIMBIRA — Está aqui.

ZULMIRA — Posso ver?

TIMBIRA — Vou lhe mostrar.

(Timbira aproxima a cadeira. Zulmira está num deslumbramento.) TIMBIRA — Aqui, por exemplo: o caixão.

(Timbira sintético, incisivo.) TIMBIRA — De primeira. Madeira trabalhada.

ZULMIRA — Igual ao de Nanci?

TIMBIRA — A mesma coisa.

ZULMIRA — Que ótimo!

TIMBIRA — Vinte cinco mil cruzeiros.

(Nisto, o 1º Funcionário, que rói as unhas, dá um verdadeiro uivo.) 1º FUNCIONÁRIO — Mais!

TIMBIRA — Como?

(1º Funcionário num espasmo de ganância.) 1º FUNCIONÁRIO — Aumentou. Agora custa — 30 mil cruzeiros!

TIMBIRA — 30 mil cruzeiros.

ZULMIRA (numa ânsia) — Mas tem alças de bronze?

TIMBIRA — Claro!

ZULMIRA — que bom!

TIMBIRA — Coche de primeira. Carro de pneus de banda branca, faróis embutidos e penacho, último tipo: mil e quinhentos cruzeiros.

ZULMIRA (maravilhada) — Barato!

2º FUNCIONÁRIO (roendo as unhas) — Não é?

TIMBIRA — Essa.

1º FUNCIONÁRIO — Inclusive vela!

TIMBIRA — Armação por conta da casa — mil e quinhentos cruzeiros.

Altar e crucifixo, outros mil e quinhentos cruzeiros. Mas outras despesinhas, tal e coisa, deve andar tudo aí por uns 36 mil cruzeiros.

(1º Funcionário faz um adendo imediato e angustioso.)

1º FUNCIONÁRIO — Ou 40!

TIMBIRA — Acha caro?

ZULMIRA (feliz) — Nem por isso. O senhor pode ir tomando todas as providências!

(Zulmira animadíssima.) TIMBIRA (reticente) — E se a moça não morrer?

ZULMIRA — Morre, sim. Está muito mal. Nas últimas.

TIMBIRA — Quer um conselho?

ZULMIRA — Pois não.

TIMBIRA — Vamos deixar o barco correr. O golpe é esperar. Tenho prática e já vi muito doente, com a vela na mão, ressuscitar. Quem trabalha nesse ramo, minha senhora, acredita piamente em milagre. Vê-se coisas do arco-da-velha.

Vamos que aconteça um milagre e sua amiga se salve. Eis o bode formado.

Espeto! Espeto!

ZULMIRA — Então, eu aviso.

(Já vai sair.) TIMBIRA — Ótimo!

(Zulmira estende a mão.) ZULMIRA — O senhor quer me dar o papelzinho? Obrigada. Desculpe e...

TIMBIRA — Eu também vou sair.

ZULMIRA (para os outros) — Boa tarde.

DOIS FUNCIONÁRIOS (numa mesura) — Boa tarde.

(Estado tremendo bate-boca entre os dois funcionários.)

1º FUNCIONÁRIO — Vocês só têm o Ademir! Só!

2º FUNCIONÁRIO — Seu pó de arroz!

(Primeiro Funcionário esfrega as mãos, radiante.)

1º FUNCIONÁRIO — Domingo, eu vou ao jogo, ouviu? Pode morrer até o raio que te parta que eu vou ao jogo.

(Zulmira e Timbira a caminho do poste de bonde.)

TIMBIRA (amabilíssimo) — Lotação ou ônibus?

ZULMIRA — Bonde.

TIMBIRA (pigarreando) — Mas é casada?!

ZULMIRA — Sou, sim!

TIMBIRA — Cadê a aliança?

ZULMIRA — Não uso.

TIMBIRA (derramado) — Sabe que não parece?

ZULMIRA — Casadíssima!

(Estão caminhando ao longo de toda a cena, de um lado para outro. Zulmira

estaca, de repente.) ZULMIRA — O poste é aqui!

TIMBIRA — Qual é seu bonde?

ZULMIRA — Aldeia Campista.

(Timbira olha para um lado e outro.) TIMBIRA — Posso chamá-la de você?

ZULMIRA — Querendo.

TIMBIRA — Você me telefona?

ZULMIRA — Talvez.

TIMBIRA — Quando?

ZULMIRA — No dia de S. Nunca.

(Zulmira olha para o lado do bonde.)

ZULMIRA — Ola o bonde! Lá vem o bonde! Té logo! Té logo!

(Timbira volta para a empresa funerária. Vem assobiando. Esfrega as mãos.) TIMBIRA — Jeitosa?

1º FUNCIONÁRIO — Um buchinho!

TIMBIRA — Buchinho onde?!

1º FUNCIONÁRIO — Então, não é?

TIMBIRA — Não amola! E comigo não tem esse negócio de bucho, não, senhor!

Sou da seguinte teoria: mulher é mulher e pronto!

1º FUNCIONÁRIO — Você não respeita nem poste!

(Timbira enfia as duas mãos nos bolsos. Vem até à boca de cena.) TIMBIRA — Casada e me deu uma bola tremenda!

(Entram Zulmira e mãe, cada uma com uma cadeira. /sentam-se uma diante da outra.) ZULMIRA — Que pena, mamãe!

MÃE — Por que, minha filha?

ZULMIRA (de mãos postas) — Antigamente, os enterros eram mais bonitos!

MÃE — Mesma coisa.

ZULMIRA — Puxa que a senhora é do contra!

(Zulmira chega a cadeira mais para a mãe. Argumenta, com energia.) ZULMIRA — Escuta, mamãe, presta atenção. Antigamente, usavam-se cavalos nos enterros, com um penacho? Mais bonito? Não, é?

MÃE — Não acho negócio! Cavalo não é negócio!

ZULMIRA — Mas como?!...

MÃE — Eu era assim, pequenininha... Nesse tempo, minha família tinha dinheiro... Mas ah! Quando o enterro saiu, a nossa porta ficou que era uma nojeira! Nem se podia! Nunca vi cavalos tão grandes e bonitões! Mas sujaram tudo!... Muito desagradável!

(Entra Tuninho, furioso.)

TUNINHO — Olha, você, vai ao médico, de qualquer maneira!

ZULMIRA (indignada) — Eu?!

MÃE — Precisa!

TUNINHO — Sim, senhora!

(Zulmira tem um verdadeiro ataque.)

ZULMIRA — Ir ao médico com uma combinação horrível? A única que eu tenho? (Zulmira levanta a saia. Mostra a combinação.) Está vendo esse remendo do tamanho de um bonde?

MÃE — Bobagem!

(Tuninho às voltas com a sogra.)

TUNINHO — Essa criatura não dorme, nem me deixa dormir. Passa a noite, inteirinha, de fio a pavio, tossindo!

ZULMIRA — ainda por cima, médico de farmácia e caduco!

(Fusão do lar de Zulmira com o consultório médico. Tuninho e mãe saem de cena. Entra o velho Dr. Borborema, de avental. Traz toalha de ausculta e uma cadeira. Zulmira tira a blusa. Dr, Borborema vai auscultá-la. Está de óculos.

Tira os óculos.) DR. BORBOREMA — Diga 33.

ZULMIRA — 33

DR. BORBOREMA — Outra vez ZULMIRA — 33

DR. BORBOREMA — Agora respire forte.

(Zulmira obedece.) ZULMIRA — Pronto?

DR. BORBOREMA — Pronto.

(Zulmira veste a blusa.) ZULMIRA — Que tal, doutor?

DR. BORBOREMA — No pulmão não vi nada, não achei nada.

(Espanto e indignação de Zulmira.) ZULMIRA — Mas como é possível? Ando sentindo o diabo! Hoje estou com um gosto horrível de sangue na boca!

(Dr. Borborema põe os óculos.) DR. BORBOREMA — Tudo OK! Tudo OK!

(O médico põe-se a escrever.) DR. BORBOREMA — Bem — você vai me fazer o seguinte: esse remédio, aqui, você vai tomar duas colheres de sopa, uma no almoço e outra no jantar. Na hora de dormir faz o gargarejo e pronto. Compreendeu?

(O médico está tirando o avental.) ZULMIRA — Compreendi.

DR. BORBOREMA — E diz ao teu marido que, domingo, o Fluminense vai fazer a barba e o bigode do Vasco!

(Sai o médico e fundem-se os dois ambientes, consultório e lar de Zulmira.

Presente toda a família da pequena, inclusive o marido.) ZULMIRA (histérica) — Bem feito! Bem feito!

TUNINHO — Que é que há?

(Zulmira promove um verdadeiro comício.) ZULMIRA — Eu sou uma podre diaba! Enquanto a Glorinha vai a um médico bacana, que até piano tem no

consultório! Um médico que cobra trezentas pratas a consulta — eu vou, de carona, ao Dr. Borborema, um médico de D.

João Charuto, completamente gagá! Ainda por cima, fiquei, sem o mínimo exagero, umas 37 horas, na sala, esperando, e com esse calor!

(Zulmira espeta o dedo no peito do marido.) TUNINHO — sossega!

PAI — Mas que foi que ele disse?

(Zulmira ri, ofegante.) ZULMIRA — Fui a última a ser atendidas... (muda de tom, enfurecida, e correndo os presentes, um por um) O que ele me disse? (cai a cólera; ironiza) Estou crente que aquela besta vai descobrir coisas do arco-da-velha no meu pulmão, claro. Ele me faz um exame matadíssimo — uma vergonha de exame! — e, no fim de tudo — vê se pode? Vira-se para mim e... (Põe a soluçar no meio do palco. Expectativa tremenda na família.) Disse que eu não tinha nada! nada!

(Todos se entreolham e exclamam em coro.) TODOS — Ué!

TUNINHO — Então, qual é o drama? Se não tens nada, ótimo!

OUTROS — Evidente!

(Zulmira enfrenta o marido. Desafia o marido.) ZULMIRA — Por que é que você não se mete com sua vida? Por que é que não deixa de dar palpites?

(Tuninho dirige-se aos parentes.) TUNINHO — Parece, até, que quer morrer!

(Zulmira desafia a parentela e o marido.) ZULMIRA — Quem sabe? Porque eu, se quisesse, podia morrer, já, agora, imediatamente! Ou não podia?

(O marido recua, aterrado, diante desta paixão.) TUNINHO — Perde essa mania de morte!

ZULMIRA (na sua euforia selvagem) — Eu posso, mas a Glorinha não. Glorinha não, pode morrer nunca!

(Zulmira agarra-se ao marido e o contagia com a sua visão.) ZULMIRA — Imagina só: Glorinha morrendo. Acaba de morrer . Está na cama, morta. Aí vão vestir a defunta. E antes a despem.

(Zulmira põe-se a rir, numa histeria.) ZULMIRA — Dá-se a melodia. As pessoas, que estiverem no quarto, vão ver um seio, (ri) unzinho só!

(Zulmira bate no próprio peio, na sua embriaguez.) ZULMIRA — Mas a mim podem despir, já, neste minuto.

(Zulmira soluça.) MÃE — Não fala assim!

ZULMIRA — Por quê?

MÃE — É feio ZULMIRA — A senhora acha?

MÃE — Deus castiga!

(Esvazia-se o palco. Restam Zulmira e Tuninho. E, súbito, enche a cena o som desvairado de um aparelho de rádio, com uma música carnavalesca.

Diminui o som do rádio. Zulmira exulta.) ZULMIRA — Ela sabe!

TUNINHO — Sabe o quê?

ZULMIRA — Que eu estou mal, que vou morrer!

TUNINHO — Isola!

ZULMIRA — De propósito põe todo o volume do rádio! Gosta de clássico e liga pra música carnavalesca!

TUNINHO — Tu não gostas de música carnavalesca?

ZULMIRA (numa vidência) — Quando eu morrer, glorinha há de estar, na janela, assistindo, de camarote, o meu enterro, gozando. Ela sabe que estamos na última lona e, portanto, que meu enterro deve ser de quinta classe. Olha! eu quero sair daqui! Nada de capelinha! Se Glorinha soubesse! Se pudesse imaginar que eu, na surdina, estou tomando as minhas providências!

TUNINHO — Até que este carnaval tem uma boas músicas!

(Zulmira arrebata-se.) ZULMIRA — No dia em que eu morrer, glorinha vai ficar com cara de tacho, besta! Tenho um plano, um golpe!

(Zulmira baixo, cara a cara com o marido.) ZULMIRA — Só depende de ti!

TUNINHO — De mim?

ZULMIRA — De ti!

TUNINHO — Mas como?

ZULMIRA (doce e misteriosa) — Depois eu te conto.

(Tuninho sai. Nova e breve rajada de música carnavalesca. Entra vizinha, melíflua, afetada. Tuninho já saiu.) VIZINHA — Vim fazer um visitinha à senhora, D. Zulmira!

ZULMIRA (afetada) — Ah, entre, D. Ceci!

VIZINHA — Como vai a senhora?

ZULMIRA (eufórica) — Mal!

VIZINHA — Gripe?

ZULMIRA — Pulmão!

VIZINHA — Por que a senhora não experimenta homeopatia.

(Luz sobre agência funerária.) 1º FUNCIONÁRIO — Só pensa em mulher!

TIMBIRA — Homem, não!

1º FUNCIONÁRIO — Sabe que eu não tinha confiança de te deixar, sozinho, nem com uma defunta!

(Bate o telefone.) 1º FUNCIONÁRIO — Alão! Quem? Está, sim! Um momento! Pra ti.

(Timbira arremessa-se. Luz, também, sobre Zulmira que está sentadinha, numa extremidade do palco, com um telefone sem fio.) TIMBIRA (expectante) — Timbira.

ZULMIRA — Como vai?

TIMBIRA — Quem é?

ZULMIRA — Não me conhece mais?

TIMBIRA — Zulmira?

ZULMIRA — Até que enfim!

TIMBIRA — Como vai essa figurinha?

ZULMIRA — Meio bombardeada. Uma gripe tremenda.

TIMBIRA — Sabe que eu tenho pensado muito em ti?

ZULMIRA — Já começa você!

TIMBIRA (faunesco) — Hoje eu estou impossível!

ZULMIRA — Ah, deixa de conversa mole. Escuta o que eu vou te dizer. Está chegando a hora, ouviu?

TIMBIRA — De quê?

ZULMIRA — Você é um cabeça de melão!

TIMBIRA — Por quê?

ZULMIRA — Já se esqueceu da minha amiga?

TIMBIRA — Morreu?

ZULMIRA — Ainda não, mas está cada vez pior. O médico já disse — questão de mais um dia, dois, *no máximo*. Sabe como é.

TIMBIRA — e se for palpite do médico?

ZULMIRA — Desta vez, não. Desta vez, é batata. Olha as alças de bronze, percebeu?

TIMBIRA — E o nosso encontro?

ZULMIRA — Já, não.

TIMBIRA — Amiga da onça!

ZULMIRA — Já, não posso!

TIMBIRA — Então, quando?

ZULMIRA (dolorosa) — Quando?

(Zulmira faz uma pausa patética. Exalta-se.) ZULMIRA — Primeiro, deixa a minha amiga morrer. Então, estarei livre!

(Zulmira num riso convulsivo.) ZULMIRA — Serei tua, do meu marido, de todo o mundo! *Au revoir!*

TIMBIRA — Vem cá! Zulmira!

(Zulmira desliga.) TIMBIRA — Alô! Alô!

(Timbira desliga também.) TIMBIRA — Bolas!

(Timbira vem falar com os dois Funcionários.) TIMBIRA — Essas pequenas me põe maluco!

1º FUNCIONÁRIO — Quem foi?

TIMBIRA — A tal Zulmira.

1º FUNCIONÁRIO — Abre o olho!

2º FUNCIONÁRIO — Papas ou não papas?

TIMBIRA — Sei lá! Já não entendo mais nada!

1º FUNCIONÁRIO — Entra de sola, que mulher gosta é disso!

(Timbira convoca os dois.) TIMBIRA — E vem cá: quero um palpite, uma opinião. Vocês acham o quê?

Que essa conversa de enterro, de amiga, de caixão — tudo isso é batata ou golpe?

1º FUNCIONÁRIO — Pra te ser franco: acho que é golpe.

TIMBIRA — Espeto! Espeto!

1º FUNCIONÁRIO — Te prepara, que vem por aí um enterro de setecentos cruzeiros!

(Timbira coça a cabeça.) TIMBIRA — Mas então explica por quê? A troco de quê, tudo isso?

1º FUNCIONÁRIO — Tu ainda não desconfiaste que as mulheres são completamente malucas?

(Luz no lar de Zulmira. Entra tuninho no quarto. Furioso. Atira o paletó.)

TUNINHO — Que peso tremendo!

(Zulmira, que cochilava, desperta em sobressalto.) ZULMIRA — Que foi?

(Tuninho tira os sapatos.) TUNINHO — Imagina tu — talvez o Ademir não jogue.

ZULMIRA (atônita) — Que Ademir?

TUNINHO — Ora, não aborrece você também! Que Ademir? Ou tu nunca ouviste falar de Ademir? Parece que vive no mundo da lua?

(Tuninho, enfurecido, anda de um lado para outro. Tem um sapato em cada mão.)

ZULMIRA — Ai!

TUNINHO — Machucou-se no treino. Estupidamente!

(Zulmira dobra-se, na cama, tossindo com todas as forças. Sob a obsessão futebolística, Tuninho nem liga para a tosse da mulher.) TUNINHO — E se ele não jogar, não sei, não. Vai ser uma tragédia em 35 atos!

Porque o Ademir, sozinho, vale meio time. Ah, vale...

(Tuninho vem se debruçar sobre a mulher, que continua tossindo.) TUNINHO (feroz) — Sabe quem deu o supercampeonato ao fluminense?

Ademir! Decidiu todas as partidas!

(Larga os sapatos. Deita-se, numa melancolia medonha. Ao lado, sentada, no meio da cama, Zulmira se torce, em acessos tremendos.) TUNINHO — Às vezes, eu tenho inveja de ti. Tu não te interessas por futebol, não sabes quem é Ademir, não ficas de cabeça inchada, quer dizer, não tens esses aborrecimentos... Benza-te Deus!

(Tuninho vira-se para o lado. Acesso de Zulmira.) ZULMIRA — Ai, meu Deus, ai meu Deus!

(Tuninho, ao lado, já ronca. Nova golfada de Zulmira. Encosta o lenço na ponta da língua. Olha e, patética, sacode o marido.) ZULMIRA — Tuninho! Tuninho!

(Tuninho salta na cama.) TUNINHO — Eu!

ZULMIRA — Olha! Espia!

(Tuninho esbugalha os olhos.) TUNINHO — Que é isso?

ZULMIRA — Sangue!

(Tuninho apavora-se.) TUNINHO — De onde?

ZULMIRA — Pulmão!

(Zulmira encosta o lenço, novamente, na ponta da língua. Só falta esfregar o lenço na cara do marido.) TUNINHO — Deita!

ZULMIRA — Eu não te disse? Que o Dr. Borborema não entendia tostão de coisa nenhuma?

TUNINHO — Vou chamar a Assistência!

(Zulmira agarra-o.) ZULMIRA — Não quero! Fica aí!

TUNINHO — Mas Zulmira!

ZULMIRA — Eu vou morrer... Sei que vou morrer. Já não sou mais deste mundo.

TUNINHO — Isola!

(Tuninho bate na madeira.) ZULMIRA — Vou sim. Mas antes tenho um pedido, um último pedido, último!

Sim, Tuninho? A uma morta não se recusa nada!

(Zulmira tem um choro grosso, que assombra Tuninho. O marido está quase chorando.) TUNINHO — Meu coração, ouve! Você vai se tratar, vai ficar boa!

(Zulmira se enfurece.) ZULMIRA — Mentira! Olha pra mim! Me pega! Passa a mão por aqui pelo meu peito! Agora responde: tu sabes, não sabes, que eu vou morrer? Pelo amor de Deus, diz que eu vou morrer! Vou morrer?

(Tuninho cobre o rosto com uma das mãos.) TUNINHO (num soluço e dominado) — Vai.

ZULMIRA — Oh, graças! E agora jura! Jura que atenderás o meu pedido! Jura!

TUNINHO — Juro!

ZULMIRA — Deus te abençoe!

TUNINHO — Qual é o pedido?

ZULMIRA — Nessa rua, quando souberem que eu morri, vão pensar que meu enterro vai ser mambembe, Tuninho... Então, essa gata, aí do lado, já sabe...

Por isso eu quero, e não peço nada senão isso, senão um enterro como nunca

houve aqui, um enterro que deixe a Glorinha com uma cara deste tamanho, possessa...

(Zulmira tem um riso grosso.) É uma pirraça minha, confesso! Depois, tu apanhas, na minha bolsa branca, um papelzinho, onde tem tudo tomado nota... Ao todo, uns trinta e seis mil cruzeiros...

TUNINHO — Quanto?!

ZULMIRA — Trinta e seis mil cruzeiros. Está tudo tratado! Numa casa da Praça Saens Peña, "Casa Funerária São Geraldo"... Guarda o nome...

TUNINHO — Meu amor, eu sei que tu mereces muito mais, não há dúvida... Mas a questão é o seguinte: estou desempregado, sem níquel.. Ainda temos, da indenização que eu recebi, uns duzentos cruzeiros, no máximo... Onde é que eu vou arranjar tanto dinheiro? São trinta e seis mil cruzeiros!...

ZULMIRA — Há uma pessoa que te dará esse dinheiro todo. Até mais. De mão beijada.

TUNINHO (pulando) — Quem?

ZULMIRA — Eu te direi nome, endereço, tudo. Mas promete que não me farás perguntas. Sim, Tuninho?

TUNINHO — Vá lá. Fala.

ZULMIRA — Essa pessoa chama-se João Guimarães Pimentel.

(Tuninho assombra-se.) TUNINHO — João Guimarães Pimentel? Esse não é um que O Radical publicou um retrato descascando a lenha, chamando de gatuno pra baixo? É esse?

ZULMIRA — É.

TUNINHO — Continua.

ZULMIRA — Você também apanha, na minha bolsa branca, outro papel, com o endereço dele, da casa, do escritório, os telefones. Assim que eu morrer pega um táxi, vai à casa dele, ao escritório, seja lá onde for, e diz o seguinte: que eu morri. Mas antes que, antes de morrer, pedi que ele me pagasse um enterro de quarenta mil cruzeiros... ele te dará o dinheiro... E não diz que meu marido... Diz que é primo...

(Tuninho ergue-se, atônito. Esbraveja.) TUNINHO — Mas quem é esse homem que eu nunca, na vida, vi mais gordo?

Que apito toca? Vai largar 40 mil cruzeiros por quê? A troco de quê?

(Zulmira se torce numa golfada.) ZULMIRA — Mais sangue... Não respondo... Uma morta não precisa responder... Prometeste que eu teria esse enterro bonito, lindo... de penacho...

36 mil cruzeiros... Jura outra vez, jura!

TUNINHO (num soluço) — Juro!

(Zulmira apanha a mão do marido e a beija. É a agonia que se aproxima.

Zulmira ergue meio corpo, na cama. Está delirante.) ZULMIRA — Eu sou morta, que pode ser despida... Vizinhas, me dispam...

(Zulmira desaba na cama. Luz sobre os dois novos personagens, na rua. Um deles, cava, num dente, com um pau de fósforo, numa dessas faltas de poesia absolutas.) FULANO — Caiu um pedacinho de comida num dente, em cima do nervo...

(Entra Oromar, assombrado.) OROMAR — Sabe quem acaba de morrer?

FULANO — Quem?

OROMAR — Agorinha mesmo!

FULANO — Não.

OROMAR — A mulher do Tuninho.

FULANO — Morreu?

OUTRO FULANO (lento e maravilhado) — Não brinca!

OROMAR — Não faz nem meia hora.

FULANO — De quê?

OROMAR — Galopante.

OUTRO FULANO (com pesar sincero) — Que coisa chata!

OROMAR — Estou com uma pena danada do Tuninho... A mulher morre na véspera do Vasco X Fluminense... O enterro é amanhã... Quer dizer que ele não vai poder assistir ao jogo.. Isso é o que eu chamo de peso tenebroso!...

(Vão saindo.) OROMAR (para os outros) — Logo na véspera!...

FIM DO SEGUNDO ATO

Terceiro Ato

(abre-se o pano para o terceiro ato, a cena está vazia. Ouve-se apenas, o rádio fantástico da vizinha do lado, numa desenfreada música carnavalesca. Cessa o rádio.) (Zulmira acaba de morrer e é a hora de vestir o corpo. Luz sobre a família da falecida. A mãe, que chora, assoa-se. Depois de assoar-se, rompe em exclamações.) MÃE — Minha filha! Minha filhinha!

(vizinha bate-lhe no ombro.) VIZINHA — D. Fulana!
MÃE — Oh meu Deus!
VIZINHA (chamando) — D. Fulana!
MÃE — Que é?
VIZINHA — Qual é a roupa?
MÃE — Que roupa?
VIZINHA — De sua filha. A roupa de sua filha.
MÃE (chorando) — Está ali.
VIZINHA — Onde?
MÃE — Na cômoda.
(Vizinha põe-se de cócoras, ante uma cômoda imaginária.) VIZINHA — Aqui?
MÃE — Aí. E quer-me fazer um favor, D. Detinha?
VIZINHA — Ora!
MÃE — Abre a segunda gaveta.
VIZINHA — Do meio?
(Vizinha está executando todos os movimentos.) MÃE (arqueja) — Do meio, sim.
VIZINHA — Pronto.
MÃE — Vê se não tem um embrulho amarelo.
VIZINHA — tem.
MÃE — Apanha. Esse. Pois é: minha filha era muito caprichosa. Tinha comprado um jogo completo, combinação, calcinha, tudo. Pegou o embrulho, enfiou nessa gaveta, pôs remédio de barata. E, ainda ontem, avisou: “Mamãe, quando eu morrer, já sabe, não se esqueça de minha combinação nova.”

VIZINHA — E o vestido é aquele mesmo?

MÃE — É. O cinzento. Aquele cinzento. O sapato está na caixa.

VIZINHA — Muito bem. Com licença.

(Sai a vizinha. A mãe rompe num soluço maior.) MÃE (num clamor) — Vão vestir minha filha!

(Volta a vizinha. Zangada.) VIZINHA — Mas é um caso sério!

MÃE — Que foi?

VIZINHA — Não é possível! O quarto está assim de mulheres! Não se pode nem respirar! Tudo em cima, olhando, parei!

MÃE (arquejando) — Imagino!

VIZINHA — A senhora não acha mais negócio botar todo mundo pra fora? Ficou eu, mais outra e pronto?

(Mãe, sôfrega, segura a vizinha.) MÃE — Pelo amor de Deus!

VIZINHA — Como?

MÃE — Não põe ninguém pra fora! Ninguém! Deixa todo mundo! Minha filha queria que todas as mulheres da rua estivessem no quarto, quando a vestissem...

VIZINHA — Ora veja! Mas tem até garotinha de 8, 10 anos, espiando!

MÃE — Deixa! Deixa! Não manda ninguém embora!

VIZINHA (furiosa) — Al right!

(Sai a vizinha para vestir a morta, Luz sobre o táxi, em que viaja Tuninho. Táxi, evidentemente, imaginário. O único dado real do automóvel é uma buzina, gênero “fon-fon”, que o chofer usa, de vez em quando. A ideia física do táxi está sugerida da seguinte forma: uma cadeira, atrás da outra. Na cadeira da frente vai o chofer, atrás, Tuninho. Chofer simula dirigir, fazendo curvas espetaculares.)

TUNINHO — vem cá, chofer.

CHOFER — Eu?

TUNINHO — você, por acaso, conhece o João Guimarães Pimentel?

CHOFER — Guimarães o quê?

TUNINHO — Pimentel.

CHOFER — Dos lotações?

TUNINHO — Conhece?

CHOFER — Conheço. Quem é que não conhece o Pimentel?

TUNINHO — Que tal?

CHOFER — Como?

TUNINHO — Tem dinheiro?

(O chofer cai das nuvens ante a pergunta do passageiro.) CHOFER — O Pimentel?!

TUNINHO — Tem?

CHOFER — Podre de rico! Milionário! Erva, ali, é mato! E sabe quantos lotações tem, rodando, dia e noite? Dá um palpite!

TUNINHO — Não faço a mínima.

CHOFER — Trezentos! Sem contar os táxis e outros bichos. Só não leva vantagem com a mulher.

TUNINHO — Casado?

CHOFER — Casado. A mulher é uma fera. Dessas que precisam dez pra segurar. Mas o Pimentel... ah, o Pimentel!...

TUNINHO — Bom sujeito?

CHOFER (uivando) — Um cavalo!

(Tuninho espia para os lados. Tem uma exclamação.) TUNINHO — Parece que é aqui.

CHOFER — Aqui?

TUNINHO — 270... é aqui, sim... Nesse palacete... Pode parar...

(Para o táxi e Tuninho salta.) TUNINHO — Aguenta a mão, que eu já volto.

CHOFER (espiando) — Bonita casa!

(Luz sobre Pimentel, que está bebendo uísque. Vem o contrarregra anunciar.) CONTRARREGRA — Tem aí um rapaz procurando o senhor.

PIMENTEL (exasperado) — Será o Benedito? Diz que eu não estou, que eu morri, inventa um troço!

(Já Tuninho apareceu numa extremidade do palco. Anda de um lado para o outro, esperando. O contrarregra está diante dele.) CONTRARREGRA — Saiu.

TUNINHO — então, eu espero.

CONTRARREGRA — Vai voltar tarde.

(Tuninho espeta o dedo na cara do contrarregra.) TUNINHO — E não saiu coisa nenhuma. Está em casa, compreendeu? Vai avisar a teu patrão que eu vou me plantar aqui e que não saio nem a tiro!...

(contrarregra transmite o recado.) CONTRARREGRA — Diz que é assunto de vida ou morte.

PIMENTEL — Manda entrar e traz mais gelo.

(Tuninho está diante de Pimentel.) PIMENTEL — Que é que há?

TUNINHO — (tímido e gaguejante) — vim aqui da parte de Zulmira... Aliás, eu sou primo dela e...

PIMENTEL (com maus modos) — Zulmira?

(Tuninho está desconcertado.) TUNINHO — O senhor não conhece? Zulmira...

PIMENTEL — Uma moreninha?

(Tuninho exulta.) TUNINHO — Exato. Morena, de olhos verdes.

(Contrarregra entra com uma cadeira.) PIMENTEL — Sente-se.

TUNINHO — Obrigado.

PIMENTEL (meio nostálgico) — Me lembro. Agora me lembro. Zulmira...

TUNINHO (alvar) — Pois é.

PIMENTEL — E que fim ela levou?

(Tuninho pigarreia.) TUNINHO — Faleceu.

(Pimentel atônito.) PIMENTEL — Quando?

TUNINHO — Há coisa de uma meia hora, quarenta minutos.

PIMENTEL — Mas não é possível! Não pode ser!

TUNINHO — Morreu.

PIMENTEL — De quê?

TUNINHO — Pulmão!

PIMENTEL (apavorado) — Que coisa!

(Tuninho pigarreia, novamente.) TUNINHO — E eu estou aqui, porque... Pouco antes de morrer, ela me chamou e... mandou pedir para o senhor pagar o enterro dela...

PIMENTEL — Eu? O enterro?... Eu, pagar?... Mas... e o marido?

TUNINHO — Está desempregado.

(Pausa.) PIMENTEL — Compreendo. O senhor é primo?

TUNINHO — Primo.

PIMENTEL — E, se está aqui, é porque sabe, naturalmente sabe... Zulmira lhe contou?

TUNINHO — Por alto.

(Entra o contrarregra.) PIMENTEL — Traz mais um copo, aqui , pro o nossa amizade.

(Pimentel bebe, sôfrego. Põe a mão nos joelhos de Tuninho.) PIMENTEL — Não se incomoda que eu lhe fale nesse assunto?

TUNINHO — Em absoluto.

(Pimentel está pondo uísque no copo de Tuninho.) TUNINHO — E, até eu gostaria de saber... Porque eu não desconfiei, nunca...

Nem eu, nem ninguém... Só vim saber agora... Francamente, caí das nuvens...

PIMENTEL — Mas não interprete mal!

TUNINHO — Claro! Eu não condeno, absolutamente! Mas como foi?

(Pimentel bebe mais.) PIMENTEL — Grande pequena!

(Pimentel, baixo e faunesco.) PIMENTEL — O corpo que eu gosto — nem gorda, nem magra. Na medida!

(Tuninho bebe, na sua cólera contida.) TUNINHO — Foi fácil ou difícil?

(Pimentel tem um riso pesado.) PIMENTEL — Se foi fácil ou difícil? Basta que eu lhe diga o seguinte, dois pontos: foi a única mulher que eu conquistei no

peito, à galega. Entrei de sola.

TUNINHO (atônito) — De sola como?

PIMENTEL — Sim, porque, geralmente, antes do principal, sempre há uma conversinha, um namoro, um romance... E, com a Zulmira, não houve nada disso... Ah, eu me lembro como se fosse hoje. Direitinho. Foi mais ou menos há um ano. Sabe aquela sorveteria na Cinelândia, que fica perto do “Odeon”?

TUNINHO — Conheço, sim.

PIMENTEL — Pois é. Entrei na sorveteria e... Fui lá dentro... Mas em vez de empurrar a porta dos “Cavalheiros”, empurrei a porta das “Senhoras”. Abri assim e dou de cara com uma dona que estava na pia, lavando as mãos... Eu ia voltar atrás, mas ah! Não sei o que houve comigo! Deu-me a louca e já sabe: atraquei a Fulana, em bruto. Quer dizer não houve um “bom dia”, um “boa noite”, não houve uma palavra entre nós, nada.

TUNINHO (sôfrego) — E ela?

PIMENTEL — Que é que tem?

TUNINHO — Reagiu? Gritou?

PIMENTEL — Nem piou! E se gritasse, o marido estava lá, a cinco metros, na mesa, tomando sorvete. Menino! E era hora de lanche, de movimento! Se me entra, lá, alguma dona e vê aquele negócio? Já imaginaste o bode, o angu de caroço? Tivemos tanta sorte, mas tanta, que não apareceu ninguém!

(Pimentel faz os cálculos.) PIMENTEL — Tudo durou uns cinco minutos. O gozado é o seguinte: nesses cinco minutos, tinha havido o diabo entre nós... E quando eu saí, sem me despedir, nem nada, sujo de batom até à alma — quando eu sai, ela não sabia o meu nome, nem eu o dela... Não é fantástico?

(Tuninho ri com sofrimento.) TUNINHO — E o marido tomando sorvete!

PIMENTEL — Duas semanas depois, eu estou no meu escritório e...

(Pimentel põe o copo de uísque no chão. Vem ao encontro de Zulmira que acaba de entrar. Uma luz azul e espectral sobre a cena evocativa. Tuninho arrasta a própria cadeira e vem sentar-se diante do quadro.) TUNINHO (roendo as unhas) — Mas, finalmente, ela gostava ou não gostava do marido?

(Pimentel toma entre as suas as mãos de Zulmira.) PIMENTEL — Olá! Bons olhos a vejam!

(O contrarregra traz cadeira para Zulmira.) PIMENTEL — Soube meu nome como?

(Zulmira apanha, na bolsa, um recorte de jornal.) ZULMIRA — Li isso, aqui, no Radical.

(Pimentel olha o recorte.) PIMENTEL — Até meu retrato puseram! Deixa pra lá! Isso é cartaz! Mas como é seu nome, que eu ainda nem sei?

ZULMIRA — Zulmira.

(Pimentel ergue-se.) PIMENTEL — Zulmira, é? Espera, que eu vou fechar a porta.

ZULMIRA (em sobressalto) — Pra quê?

PIMENTEL (sórdido) — Aguenta a mão!

(Pimentel fecha a porta e volta.) ZULMIRA — Quietinho!

PIMENTEL — Que é isso que você está chupando?

ZULMIRA — Drops.

PIMENTEL — Joga fora.

ZULMIRA — Por quê?

PIMENTEL — Porque eu vou te dar um beijo e quero sentir gosto de boca.

(Zulmira ergue-se.) ZULMIRA — Não faça isso...

(Zulmira e Pimentel estão quase boca com boca.) ZULMIRA (cínica) — ... porque eu sou casada!

PIMENTEL — Mas já aconteceu o máximo entre nós! Tudo!

ZULMIRA — Seu mascarado!

PIMENTEL (eufórico) — Agora é tarde e Inês é morta!

(Zulmira já faz o bico de beijo.) ZULMIRA — Mas, então, um só!

(Cena do beijo. Tuninho grita.) TUNINHO — E o marido? O que é que ela dizia do marido?!

(Pimentel, sai da zona da luz azul. Vem beber um pouco de uísque. Põe o copo, outra vez, no chão. Vem passando por Tuninho.) PIMENTEL — No dia seguinte, fomos ao apartamento... Ah, foi uma tarde fabulosa!...

(De novo Pimentel e Zulmira sob a luz espectral. Os dois ficam de joelhos, de frente um para o outro.) PIMENTEL — Teu marido te fez alguma coisa?

ZULMIRA (incisiva e rancorosa) — Fez.

PIMENTEL — Alguma maldade?

ZULMIRA (veemente) — Pior que maldade. Uma coisa que eu não perdoo, nunca!

PIMENTEL — Diz.

(Ergue-se Zulmira. Vem até à boca de cena.) ZULMIRA (dolorosa) — Começou na primeira noite... Ele se levantou, saiu do quarto... Para fazer, sabe o quê?

PIMENTEL — Não.

ZULMIRA (num grito triunfal) — Lavar as mãos!

PIMENTEL — E daí?

ZULMIRA — Achas pouco? Lavava as mãos, como se estivesse nojo de mim!

Durante todo a lua de mel, não fez outra coisa... Então, eu senti que mais cedo ou mais tarde havia de traí-lo! Não pude mais suportá-lo... Aquele homem

lavando as mãos... Ele virava-se para mim e me chamava de fria.

(Zulmira altiva, empinando o queixo, como se desafiasse a plateia.) ZULMIRA — Fria, coitado!

(Zulmira, rápida e amorosa, volta-se para Pimentel. Apanha o rosto do amante entre as mãos.) ZULMIRA (veemente) — Sou fria, sou?

PIMENTEL (alvar) — Você é um espetáculo!

ZULMIRA — Odeio meu marido!

(Pimentel segura os dois braços de Zulmira.) PIMENTEL — Xinga teu marido!

ZULMIRA — Pra quê?

PIMENTEL — Xinga.

ZULMIRA — Mas pra quê?

PIMENTEL — É uma brincadeira gostosa, sua boba! Experimenta! Olha, diz assim, quer ver? “Estou traindo o meu marido!” Anda! Alto! Diz!

(Zulmira transfigura-se. Tem um arrebatamento.) ZULMIRA — Estou traindo meu marido! (mais forte) Estou traindo meu marido!

(baixo e soluçante) Traindo...

(Pimentel exalta-se também. Instiga-a, com violência.) PIMENTEL — Mais! Mais! Repete!

(Pimentel dentro da luz azul é um homem e fora, outro. Sai Pimentel para falar com Tuninho e beber mais uísque.) PIMENTEL (para Tuninho) — Compreendeu?

TUNINHO (com surdo sofrimento) — Odiava o marido!

PIMENTEL — O negócio ia muito bem, ótimo, quando, de repente... Entrou areia... Porque há sempre um espírito de porco, sempre! Vê só que azar, que peso! Uma tarde, eu ia saindo, com Zulmira, de braço... Não sei por que, naquela tarde, cismei, estupidamente, de dar o braço... E foi batata! Zulmira ainda avisou. “Olha esse braço!” demos de cara com uma conhecida!

TUNINHO — Quem?

PIMENTEL — Aliás, uma prima de Zulmira...

TUNINHO — Glorinha?

PIMENTEL — Acho que é... Glorinha, sim... A tal Glorinha encarou com Zulmira, passou adiante e nem bola... Sabe que Zulmira ficou assombradíssima?

(Pimentel entra, de novo, na luz azul. Zulmira torce e destorce as mãos.) ZULMIRA — Vamos acabar! Vamos, sim!

PIMENTEL — Acabar por causa de uma cretina?

(Zulmira agarra-se a Pimentel.) ZULMIRA (desesperada) — Desde aquele dia, ela não fala mais comigo, nem me cumprimenta! Vira o rosto, oh meu Deus!

PIMENTEL — E você liga?

ZULMIRA (veemente) — Ligo, sim!

PIMENTEL — Que bobagem!

(Zulmira num desespero maior.) ZULMIRA — Mas ela tem razão! Eu é que não podia ter um amante!

PIMENTEL — Vem cá!

(Pimentel tenta segurar Zulmira, que se desprende com violência.) ZULMIRA — Não me toque!

PIMENTEL — Dá um beijo!

ZULMIRA — Nunca!

PIMENTEL — Por quê?

ZULMIRA — Não adianta. Não acho mais graça em beijo, não acho mais graça em nada!

(Olha em torno, como se eles pudessem ter, ali, uma invisível testemunha.)

ZULMIRA — Agora é que eu sou fria, de verdade. Glorinha não me deixa amar.

(Zulmira continua olhando em torno, assombrada.) ZULMIRA — Como se ela estivesse aqui. Atrás de mim. Como se me acompanha-se por toda parte.

(Zulmira, em pânico, para Pimentel.) ZULMIRA (num lamento maior) — Ela me impede de ser mulher.

(Zulmira passa as costas da mão nos lábios, limpando a boca.) ZULMIRA — Tenho nojo de beijo. De tudo!

(Sua voz quebrar-se num soluço. Zulmira some. Pimentel está com Tuninho.

Cada um com o seu copo. Extingue-se a luz espectral.) TUNINHO — E deu o fora?

PIMENTEL — Deu. Nunca mais apareceu, nem telefonou, nada. Sumiço integral.

(Pimentel curva-se, numa brusca nostalgia.) PIMENTEL — Ela não usava perfume. E tinha um cheirinho de suor, que me agradava.

(Tuninho pousa o copo no chão. Ergue-se.) TUNINHO — Bem. Tenho que ir... Aliás, estou atrasadíssimo... Preciso apanhar o atestado de óbito, também... E ainda não tomei nenhuma providência do enterro...

PIMENTEL — Vá, sim... Vou ver o dinheiro...

(Pimentel apanha a carteira recheada, no bolso traseiro da calça.) PIMENTEL — Estou com vontade de uma coisa...

(Pimentel apanha algumas cédulas.) PIMENTEL — Que tal se eu fosse, lá, dar uma espiada? Gostaria de vê-la, pela última vez...

TUNINHO — Não convém.

PIMENTEL — Por quê?

TUNINHO — Antes de morrer, ela pediu que o senhor não fosse, porque

está muito magra...

PIMENTEL — Coitada!... E quanto é?...

TUNINHO (trincando as palavras) — Quarenta mil cruzeiros!

PIMENTEL — Como?!

TUNINHO — Quarenta mil cruzeiros.

(Pimentel recua assombrado.) PIMENTEL — Está louco?!

TUNINHO — É o preço.

PIMENTEL — Que piada é essa? Quarenta mil cruzeiros como?

TUNINHO — Sim, senhor! Perfeitamente!

PIMENTEL — Eu enterrei minha mãe, que é minha mãe, por dez mil cruzeiros...

E foi um *big* enterro!

(Tuninho estende a mão.) TUNINHO — Quarenta mil cruzeiros.

PIMENTEL — Olha — eu estou disposto a dar, e na camaradagem, mil e quinhentos cruzeiros... E lamba os dedos!

(Tuninho está cara a cara com Pimentel.) TUNINHO — Você vai dar, sim, os quarenta mil cruzeiros, até o último centavo.

Isso é uma. Agora outra: eu não sou primo de Zulmira coisa nenhuma.

PIMENTEL — É o quê?

TUNINHO — P marido. O próprio. O tal que estava na sorveteria, enquanto você trocava as portas. (ri) Só que eu não estava tomando sorvete, por causa da minha sinusite... Devia ser média ou coisa que o valha...

(Tuninho, subitamente feroz, estendendo a mão.) TUNINHO — Dá os quarenta mil, anda!

(Pimentel está numa pusilanimidade total.) PIMENTEL — E se eu não quiser dar?

TUNINHO — Azar o teu. Porque eu saio daqui, direto, sabe pra onde? Pra o Radical, que está de pinimba contigo. Chego lá, conto tudinho, dou o serviço completo e vai ser a maior escrachação de todos os tempos!

PIMENTEL (arquejante) — Dou trinta!

TUNINHO — Quarenta e já.

(Pimentel passa as costas da mão no suor da testa.) PIMENTEL — Está bem.

(Pimentel, arrasado, põe-se de cócoras diante do imaginário cofre. Tuninho, em pé, com as duas mãos enfiadas nos bolsos, assobiando, olha para os lados, para o alto, como se estivesse fazendo uma avaliação do ambiente. Vem Pimentel entregar o dinheiro.) PIMENTEL — Pronto.

(Tuninho, de cócoras, põe o dinheiro no chão e começa a contar.) TUNINHO — Três, quatro, cinco mil cruzeiros... Sabe que eu estou bolando uma outra ideia... Seis, sete, oito, nove, dez mil cruzeiros... Uma ideia... Genial...

(Tuninho arruma e põe os primeiros dez mil cruzeiros num bolso.) TUNINHO — 11,12,13... Que tal se a gente fizesse uma missa de sétimo dia, bacana?... 14. 15, 16... Missa de interromper o trânsito?... 17, 18, 19, 20...

(Tuninho põe os outros dez mil cruzeiros noutro bolso.) TUNINHO — Podia ser uma missa de três padres e 10 coroinhas... 21, 22, 23, 24, 25, 26... Com música... 30 mil cruzeiros... Uma missa abafante... O resto está certo!...

(Em cada bolso, Tuninho põe dez mil cruzeiros.) TUNINHO — Não é um grande golpe?

PIMENTEL (na sua impotência) — Desapareça!

TUNINHO(doce) — Segunda-feira eu volto para apanhar o dinheiro da missa!

PIMENTEL — Cachorro!

(Luz na casa funerária. Presentes Primeiro e Segundo Funcionário e Timbira. Este é submetido a violento sermão.)

1º FUNCIONÁRIO — Isso é tara!

TIMBIRA — Não amola!

1º FUNCIONÁRIO — Tara, no duro!

(Timbira, que está quebrando nos dentes um pau de fósforo, cospe-o fora. Veemente, enfrenta o Primeiro Funcionário.)

TIMBIRA — Por quê?

1º FUNCIONÁRIO — Mas claro! Tu és um sujeito nessas condições: de 15 em 15 minutos, contados a relógio, tens uma paixão. Agora essa tal de Zulmira... Viu a fulana uma vez e pronto.

(Timbira exalta-se.) TIMBIRA — Gostei da garota, ora pipocas!

1º FUNCIONÁRIO — Você gosta de todas!

TIMBIRA — Espera lá! De todas, uma conversa!

1º FUNCIONÁRIO — Sim, senhor!

TIMBIRA — Uma ova! Com as outras, eu brinco. Dessa eu gosto. É diferente.

1º FUNCIONÁRIO — Queres um palpite meu?

TIMBIRA — Fala 1º FUNCIONÁRIO — Na minha opinião — opinião sincera — essa pequena está te fazendo de palhaço.

TIMBIRA — Pois sim.

1º FUNCIONÁRIO — E das duas uma: ou é maluca — desconfio que é maluca — ou, então, vigarista. Escreve.

TIMBIRA — Posso falar?

1º FUNCIONÁRIO — Cabeça dura!

TIMBIRA — Gosto dessa pequena, pronto acabou-se. Não sei, acho muito jeitosa, um corpinho, que me põe maluco... E não está mentindo... Esse negócio

do enterro de 36 mil cruzeiros é batata — aposto os tubos! Quero ser mico de circo! A qualquer momento ou ela ou alguém da parte dela, vai chegar aqui e ...

(Tuninho entra. Primeiro Funcionário cutuca Timbira, interrompendo-o.) 1º FUNCIONÁRIO — Freguês.

(Timbira vai atender o recém-chegado.) TIMBIRA — Deseja alguma coisa?

TUNINHO — Podia me dar uma informação?

TIMBIRA — Perfeitamente.

TUNINHO — Eu desejava saber quanto custa o caixão mais barato.

(Timbira vira-se para o Primeiro Funcionário.) TIMBIRA — Vem cá, Fulano.

1º FUNCIONÁRIO — Que é que há?

TIMBIRA — Aqui o cavalheiro deseja saber o preço do caixão mais barato.

(Timbira afasta-se.) 1º FUNCIONÁRIO — Só o caixão?

TUNINHO — Só o caixão.

1º FUNCIONÁRIO — Quatrocentos cruzeiros.

(Primeiro Funcionário dá o preço e, ao mesmo tempo, abre os braços e a boca, num espreguiçamento total e irremediável.)

TUNINHO — É o mais barato de todos? De todos?

1º FUNCIONÁRIO — Claro!

TUNINHO — Quatrocentos cruzeiros. Vai esse mesmo.

(Primeiro funcionário apanha um caderno.) 1º FUNCIONÁRIO — Pra onde é?

(Primeiro Funcionário tomando nota.) TUNINHO — Aldeia Campista.

(Timbira faz confidências amorosas ao Segundo Funcionário.) TIMBIRA — Ela vai. Com jeitinho, vai.

(Sai todo mundo. Com a cena vazia, rompe o fantasmagórico rádio da Glorinha, uivando. Rádio cai em surdina. Entram no palco os amigos e parceiros de Tuninho. Formam um grupo numa extremidade do palco. Jogam porrinha.) UM — Vê que horas são?

DOIS — 10.

TRÊS — Já?

QUATRO — No meu falta cinco.

UM — Está na hora do enterro sair.

DOIS — E o Tuninho?

TRÊS — Pois é.

UM — Onde é que se meteu essa besta?

TRÊS — Sei lá! O cara me sai daqui ontem. Trata do enterro, que é o mais fuleiro que eu já vi na minha vida, e dá um pira monumental.

QUATRO — Papel indecentérrimo!

(O Um abre os braços, numa indignação bíblica.) UM — Um enterro de cachorro!

(O Quatro chama os outros.) QUATRO — Vamos carregar o negócio!

(Correm os quatro. Na cena vazia, uma derradeira e breve rajada carnavalesca. Luz sobre o quarto de timbira, que ronca. Entra o Primeiro Funcionário. Sacode o Timbira.)

1º FUNCIONÁRIO — Timbira! Como é Timbira!

TIMBIRA (em sobressalto) — Que é?

2º FUNCIONÁRIO — Sou eu! Acorda, seu zebu! Meio-dia!

TIMBIRA — Já (Ergue-se Timbira. Em fraldas de camisa e short. Coça as pernas cabeludas.) TIMBIRA — Tarde pra chuchu! Ontem, eu enchi a caveira de cachaça...

(No chão, está um copo, com uma escova de dentes e respectivo dentifrício.

Timbira apanha a escova.) 1º FUNCIONÁRIO — Tenho uma bomba pra ti, rapaz!

TIMBIRA — Mete lá!

1º FUNCIONÁRIO — Estou chegando de cemitério.

TIMBIRA — Ah, o tal enterro!

1º FUNCIONÁRIO — Exatamente. Imagina só de quem era o tal enterro?

Imagina quem eu ajudei a pôr no caixão de quatrocentos cruzeiros?

TIMBIRA — Quem?

1º FUNCIONÁRIO (exultante) — A tua pequena!

TIMBIRA — Qual delas?

1º FUNCIONÁRIO (numa mesura) — ZULMIRA!

TIMBIRA — Nem brinca!

1º FUNCIONÁRIO — Palavra de honra! Por essa luz que me alumia!

TIMBIRA — Carambolas!

1º FUNCIONÁRIO — Não te disse? Batata! Bem que eu fiquei bolando a coincidência de nomes... Chego lá, era ela mesma!

TIMBIRA — Me tapeou direitinho.

1º FUNCIONÁRIO — Mas anda, rapaz! E não pensa mais nessa gaja. Está morta, enterrada! Hoje o jogo de aspirantes também é bom. Tinha gente assim indo para o Maracanã!

(Petrificado, Timbira está com a escova de dentes, em suspenso. A espuma do dentifrício rola em catadupa.) TIMBIRA (num juízo final) — Que vigarista!

(Luz no Maracanã. Vai entrando Tuninho. Atrás, de boné, o chofer do táxi, empunhando uma bandeira do Vasco. Os dois atravessam uma multidão imaginária de duzentas mil pessoas. Efeitos sonoros do Campeonato do Mundo.) TUNINHO (no seu deslumbramento) — Parece até Brasil-Uruguai!

CHOFER — Vai ser um rendão!

TUNINHO — Pra lá de dois milhões!

(Chofer olha em torno.) CHOFER — Vamos ficar aqui? Aqui está bom!

(Contrarregra põe cadeira para dois. Sentam-se. Exaltação de Tuninho.) TUNINHO (numa euforia, esfregando as mãos) — Está na hora da onça beber água! (Muda de tom, feroz) hoje vou tomar dinheiro desses pó de arroz! Não entendem bolacha de futebol! Sou Vasco e dou dois gols de vantagem!

(Tuninho vem à boca de cena, numa alucinação. Bate no peito.) TUNINHO — Tenho dinheiro! Dinheiro!

(Arranca dinheiro dos bolsos. Crispa as mãos nas cédulas.) TUNINHO — Vou apostar com duzentas mil pessoas! Dou dois! Três! Quatro!

Cinco gols de vantagem e sou Vasco!

(Tuninho insulta a plateia.) TUNINHO — Seus cabeças de bagre!

(Tuninho atira para o ar as cédulas. Grita com todas as forças.) TUNINHO — Casaca! Casaca! A turma é boa! É mesmo da fuzarca!

Vasssssco!

(Tuninho cai de joelhos. Mergulha o rosto nas duas mãos. Soluça como o mais solitário dos homens.)

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO


DIGITAL
Source
iciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks